

Convergência

479

MARÇO
2015 • ANO L

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB

ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

DIRETORA: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
EDITOR: Irmão Lauro Daros, fms
REDATORA: Irmã Rosa Maria Martins Silva, mscs – MTb 0010693/DF

CONSELHO EDITORIAL: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vitorio, sj
João Edênio Valle, svd

PROJETO GRÁFICO: Manuel Rebelato Miramontes
COORDENAÇÃO DE REVISÃO: Marina Mendonça
REVISÃO: Mônica Elaine G. S. da Costa e Sandra Sinzato
IMPRESSÃO: Gráfica de Paulinas Editora
ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Anderson Augusto de Souza Pereira

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

Ano da VC: alegria em Cristo 141

Mensagem

As provocações do Papa Francisco 144

Informes

Abertura do Ano da Vida Consagrada 147

Mensagem final do V Simpósio Latino-Americano
de Teologia Índia 150

O legado humano, teológico e espiritual de J. B. Libanio 152

Lançamento do livro “Cristianismo e economia” 158

Artigos

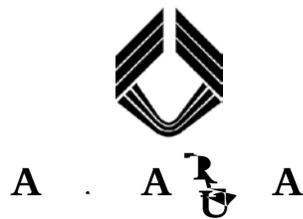
“Eu vim para servir”
ALFREDO J. GONÇALVES 163

Ano da Vida Consagrada
ALFREDO J. GONÇALVES 179

Reflexões sobre as relações humanas na terceira idade
APARECIDA DONIZETE MACHADO 188

Humanização: contínua construção nas relações
ELIZABETH SILVA DOS SANTOS 201

Mistério da cruz: solidariedade, quenose e amor
JOSÉ ROCHA CAVALCANTI FILHO 213



Prezado(a) assinante,

Os valores vigentes para a assinatura da revista *Convergência* são os seguintes:

- R\$ 125,00 (para o Brasil)
- R\$ 175,00 (para o exterior)

Assinaturas novas e renovação de assinaturas podem ser feitas das seguintes maneiras:

- Através do site <crbnacional.org.br>, imprimindo o boleto bancário
- Boleto bancário via e-mail (convergência@crbnacional.org.br)
- Depósito diretamente na conta da CRB Nacional: Banco do Brasil, ag. 1230-0, c/c 306934-6, lembrando que é necessário mandar o comprovante por fax ou e-mail.

Por favor, sempre que houver algum problema entre em contato conosco através do e-mail

... 2g ... @ ... 2g ...
ou pelo telefone (61) 3226-5540
ou pelo fax (61) 3048-6479.

Teremos o maior prazer em atendê-lo(a).

Editorial

Ano da Vida Consagrada: alegria em Cristo

141

No ano da VC, o Papa Francisco diz que nós, religiosos e religiosas, somos profetas e nos convida a caminhar pelos caminhos do mundo. Ele nos convoca à paixão missionária, à alegria do encontro com Cristo que nos impele a partilhar com os outros a beleza da fé.

Na missa de Abertura do Ano da VC, em 30 de novembro, em Brasília, organizada pela CRB Regional Brasília e pela CRB Nacional, o Ir. Jardelino Menegat, fsc, vice-presidente da CRB Nacional, reforçou a mensagem do Papa Francisco, dizendo que “O Papa nos convida a renovar nossa *fidelidade ao Evangelho*, a reavivar o dom da *profecia e a fortalecer em nós a esperança*, para vivenciarmos o hoje da humanidade”.

Aconteceu, de 13 a 17 de outubro 2014, no México, o V Simpósio Latino-Americano de Teologia Índia. Pe. Justino Sarmiento Rezende enviou-nos a “Mensagem do Simpósio”. O texto informa que “a reflexão da Teologia Índia destaca os elementos já presentes nos povos originários, manifestados em sua religiosidade e nas diferentes expressões culturais. O critério fundamental do nosso discernimento sempre será a pessoa de Jesus”.

Leonardo Boff transmite-nos o “legado humano, teológico e espiritual de J. B. Libanio, sj”. Em poucas palavras, o autor destaca alguns pontos que lhe foram mais familiares: a pessoa, o teólogo e a obra de Libanio. Expressa que “foi graça do Altíssimo ter podido fazer parte de minha caminhada um amigo e um irmão desta grandeza que foi o Pe. João Batista Libanio. Deus seja louvado”.

Pe. Elio Gasda, sj, lançou o livro *Cristianismo e economia: repensar o trabalho além do capitalismo*. O autor nos ajuda a pensar, com seriedade, outro mundo do trabalho fora da lógica do capitalismo. Por que não começar pelo domingo? Para o Papa Francisco, “O domingo livre do trabalho nos diz que o importante não é o trabalho, mas as relações com os outros, com Deus e com a comunidade. Não trabalhar nos domingos é uma verdadeira liberdade”.

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs, oferece dois artigos: sobre o Ano da VC e sobre a CF 2015. No primeiro texto o autor reflete sobre as três palavras (ou conceitos-chave): Evangelho, Profecia e Esperança. Vale a pena deter-se um momento para ouvir, num silêncio reverente, solene e respeitoso, o que nos podem dizer diante dos desafios da sociedade contemporânea. No segundo texto, “Eu vim para servir”, Pe. Alfredo desenvolve os conceitos “autoridade e autoritarismo”, “serviço e poder” e “dignidade da pessoa humana”. Diante de uma sociedade permeada de contradições e injustiças, a Igreja e em especial as Congregações, Ordens e Institutos de Vida Consagrada são chamadas a exercer seu poder simbólico a serviço da construção do Reino de Deus.

Irmã Aparecida Donizete Machado reflete sobre alguns aspectos da vida humana ligados ao desenvolvimento e as suas implicações nas relações humanas com enfoque na velhice. A autora considera o ser humano em sua integralidade. Pensa que “a integralidade da pessoa humana deverá abranger todo o seu ser que é físico, social, emocional, intelectual, volitivo, moral, religioso e espiritual, numa unidade íntima, como parte integrante de um todo”.

Irmã Elizabeth Silva dos Santos também escreve sobre as relações humanas, mas limita-se a duas dimensões: humana e espiritual. Ela enfatiza em Jesus de Nazaré a autenticidade do ser humano por meio do seu agir, de suas atitudes e de suas palavras. “O seu relacionamento com as pessoas era de alteridade e doação de si até as últimas conseqüências... tendo em vista a valorização da pessoa humana e o resgate de sua dignidade.”

Por fim, Pe. José Rocha Cavalcanti Filho enfoca a cruz em três grandes chaves: como solidariedade, quenose e amor. O texto é próprio para o tempo de Quaresma. Para compreender a cruz, a partir dessas três grandes chaves, o autor levanta algumas questões: É a cruz sinônimo do sofrimento? Mas seria ela apenas sofrimento, paixão e morte? Por que Jesus abraça a cruz? Por que ela se torna um dos símbolos que mais representam o Cristianismo no mundo?

Permaneçamos vigilantes, conforme nos orienta o Papa Francisco. Esta é uma atitude cristã: a vigilância. Vigiem os nossos corações, a nossa mente, as nossas palavras e as nossas ações. Todo o nosso ser está a serviço da alegria e do Reino de Deus.

Ir. Lauro Daros, fms

As provocações do Papa Francisco

caminhada do povo de Deus para as promessas: como essa gente amava muito essas promessas e as buscava também como o martírio. Sabia que o Senhor era fiel. A esperança nunca desilude. [...] Esta é a nossa vida: crer e pôr-se a caminho” como fez Abraão, que teve “confiança no Senhor e caminhou também nos momentos difíceis”.⁴

“Não perder nunca o ímpeto de caminhar pelos caminhos do mundo, a consciência de que caminhar, andar também com o passo incerto ou mancando, é sempre melhor do que estar parado, fechado nas suas perguntas ou nas suas inseguranças. A paixão missionária, a alegria do encontro com Cristo que vos impele a partilhar com os outros a beleza da fé, distante do risco de ficar bloqueados no individualismo.”⁵

“Os religiosos são profetas. São aqueles que escolheram um seguimento de Jesus que imita a sua vida com obediência ao Pai, a pobreza, a vida de comunidade, a castidade. [...] Na Igreja os religiosos são chamados em particular a serem profetas que testemunhem como Jesus é vivido nesta terra, e que anunciem como o Reino de Deus será na sua perfeição. Um religioso nunca deve renunciar à profecia.”⁶

“Esta é uma atitude cristã: a vigilância. A vigilância sobre si mesmo: o que acontece no meu coração? Porque o meu tesouro está onde o meu coração estiver. O que acontece ali? Os padres orientais dizem que se deve conhecer bem se o meu coração está numa turbulência ou se está tranquilo.

são necessárias comunicação profunda e relações autênticas. A força humanizadora do Evangelho é fundamentada pela fraternidade vivida em comunidade, feita de acolhimento, respeito, ajuda mútua, compreensão, amabilidade, perdão e alegria.”⁸

“Sois um fermento que pode produzir um pão bom para muitos, aquele pão do qual se tem tanta fome: a escuta das necessidades, dos desejos, das decepções, da esperança. Como quem vos precedeu na vossa vocação, podeis devolver esperança aos jovens, ajudar os idosos, abrir caminho para o futuro, difundir o amor em todo lugar e em cada situação. Se isto não acontecer, se faltar testemunho e profecia em vossa vida comum, então, torno a repetir-vos, é urgente uma conversão!”⁹

“Em vez de ser apenas uma Igreja que acolhe e que recebe tendo portas abertas, procuremos ser uma Igreja que encontre novos caminhos, que seja capaz de sair de si mesma e ir para quem não a frequenta, que saiu dela ou é indiferente. Quem saiu dela, às vezes, o fez por razões que, se bem compreendidas e avaliadas, podem levar a um retorno. Mas é preciso audácia, coragem.”¹⁰

“Na vida consagrada se vive o encontro entre os jovens e os idosos, entre a observância e a profecia. Não as vejamos como duas realidades opostas. Deixemos antes que o Espírito Santo anime ambas, e o sinal disto é a alegria: a alegria de observar, de caminhar numa regra de vida; e a alegria de ser guiados pelo Espírito, nunca rígidos, nunca fechados, sempre abertos à voz de Deus que fala, que abre, que conduz, que nos convida a ir para o horizonte.”¹¹

Fonte: PERSCRUTAI. Ano da Vida Consagrada. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 75-80.

8 FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Capítulo Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco (Salesianos), Roma (31 de março de 2014).*

9 FRANCISCO, *Audiência aos participantes no encontro promovido pela Conferência Italiana dos Institutos Seculares, Roma (10 de maio de 2014).*

10 A. SPADARO, *Entrevista a Papa Francisco, in La Civiltà Cattolica III (2013, p. 449-477).*

11 FRANCISCO, *Homília na Festa da Apresentação do Senhor – XVIII Jornada Mundial da Vida Consagrada, Roma (2 de fevereiro de 2014).*

Abertura do Ano da Vida Consagrada

Queridas Irmãs e Irmãos em Cristo Jesus:

Em nome da presidente da CRB Nacional, Irmã Maria Inês, que está na Alemanha, atendendo a alguns compromissos da CRB, aproveito para dar-lhes as boas-vindas para esta Celebração Eucarística, em nome dela, mas também em nome da Diretoria da CRB Nacional.

Esta Celebração Eucarística, com a presença de Dom Pedro Gonçalves Brito, Arcebispo de Palmas – Tocantins e Presidente da Comissão dos Ministérios Ordenados e da Vida Consagrada da CNBB; de Dom Sergio da Rocha, Arcebispo de Brasília; e de vários padres que vão concelebrar, marca a *Abertura do Ano da Vida Consagrada* e a conclusão das celebrações dos *60 Anos da CRB Nacional*.

Cabe a cada um de nós uma grande gratidão ao nosso Papa Francisco, que convidou os cristãos a dedicarem um ano para a Vida Consagrada.

O Papa nos convida a renovar nossa fidelidade ao Evangelho, a reavivar o dom da profecia e a fortalecer em nós a esperança, para vivenciarmos o hoje da humanidade.

Que esta Celebração Eucarística e tantas celebrações que estão acontecendo em inúmeras partes do mundo produzam frutos de conversão e de alegria em todos nós, Consagrados e Consagradas que assumimos esta bela vocação.

Que a Palavra de Deus, em todas as suas formas, seja o centro dos nossos corações e da nossa missão; que alimente a nossa oração pessoal e comunitária; dirija os nossos encontros de Irmãs e de Irmãos; seja o ponto de partida e

o conteúdo da nossa missão evangelizadora, bem como o critério que nos impulse a viver como pobres e para os pobres.

Que a celebração deste ano de graça incremente a nossa identidade profética e a dinamize com a audácia e a criatividade, com a inquietude do amor, com a paixão feita com paixão, com descentralizada ternura e com o seu consolo.

Que este ano dedicado à Vida Consagrada reavive nossa esperança, essa que antevê o futuro e enche de sentido cada um dos esforços para sermos coerentes, transparentes, para sermos dóceis ao Espírito Santo que nos urge para uma Vida Consagrada significativa, que “nos põe em contato com Cristo que se fez carne”, que caminha conosco no hoje, compartilhando as satisfações e as dores da humanidade de que também ela é parte.

Na carta Circular aos Consagrados e às Consagradas, que tem o título “Alegrai-vos”, o Papa Francisco nos recorda que a profecia da Vida Consagrada consiste em *despertar o mundo*. Mas somente despertaremos o mundo à medida que dermos testemunho de comunhão, de intercongregacionalidade, de compartilhamento dos nossos carismas, lado a lado, com os leigos.

O povo despertará quando vir um novo rosto de Vida Consagrada, com atitudes e gestos novos, quando vir que as novas gerações e as antigas se complementam e mutuamente se sustentam; quando nos virem felizes na simplicidade, no serviço, na qualidade humana de nossos procedimentos.

Despertaremos o mundo quando formos ao seu encontro, e o tocarmos com a ternura e a alegria de uma mãe, um pai, uma irmã e um irmão.

Nós o despertaremos quando vir uma Vida Consagrada com “Luz no olhar, Palavra nos lábios e Fogo no coração”.

O início deste Ano dedicado à Vida Consagrada coincide com o primeiro domingo do Advento, o tempo da esperança por excelência, que sempre nos deve caracterizar.

Que o Advento nos inspire em Maria, a mulher da Esperança que nos ensina, com seu *Magnificat*, a “lançar um

olhar de gratidão no passado, a visualizarmos o futuro com esperança, e o presente com paixão”.

De mãos dadas com Maria entremos pela porta do Advento, tempo que expressa muito bem as aspirações que temos por uma Vida Religiosa que expresse o calor da ternura e da alegria, e aprendamos com humildade a presença de Deus e os sinais dos tempos, para caminhar, com prontidão e docilidade, pelos caminhos dos discípulos de Emaús.

Iniciemos este Ano da Vida Consagrada com alegria e agradecimento. Aproveitemos essa oportunidade para tornar mais conhecida a beleza da Vida Consagrada e nutrir a comunhão com nossos bispos, com nosso mundo, com todo o Povo de Deus.

Ir. Jardelino Menegat, fsc
Vice-Presidente da CRB Nacional

Mensagem final do V Simpósio Latino-Americano de Teologia Índia

Aos bispos, aos agentes de pastoral que trabalham com as comunidades indígenas e a todas as pessoas de boa vontade que trabalham em favor destes povos:

Convocados pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), reunimo-nos na Diocese de San Cristóbal de Las Casas, México, no período de 13 a 17 de outubro de 2014, para a realização do V Simpósio de Teologia Índia, com a participação dos bispos, sacerdotes, religiosos e agentes leigos de pastoral, alguns deles indígenas, provenientes de 14 países com a população originária (indígena), e, também, com a representação da Congregação para a Doutrina da Fé.

Membros da Igreja em estado Permanente de Missão e trabalhando a favor dos povos indígenas para que tenham vida e vida plena, o Documento de Aparecida e a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* têm se tornado nossa contínua referência, como também as dores, as alegrias e esperanças dos povos indígenas e suas lutas em defesa de sua identidade e de suas terras. Como Igreja de Jesus, estas periferias têm que ser nossas opções prioritárias.

O objetivo deste Simpósio foi dar prosseguimento ao caminho de aprofundamento dos conteúdos doutrinários da Teologia Índia, para avançar nos seus esclarecimentos à luz da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja. O tema central foi, exatamente, esclarecer alguns pontos sobre a revelação de Deus nos povos originários e celebrar a fé com suas expressões próprias.

Reconhecendo a centralidade da revelação do único Deus em Jesus Cristo, a reflexão da Teologia Índia destaca os elementos já presentes nos povos originários, manifestados em sua religiosidade e nas diferentes expressões culturais. O critério fundamental do nosso discernimento sempre será a pessoa de Jesus.

A reunião aconteceu num clima fraterno de oração e diálogo, convencidos de que devemos escutar-nos com amor e com espírito de conversão, para que estes diálogos deem frutos maduros, e aprofundar nossa relação com outros povos originários, aprender seus idiomas, conhecer sua alma, suas tradições e toda sua cultura, acolhendo-os respeitosamente e oferecendo-lhes a plenitude em Jesus Cristo.

Podemos constatar, com esperança, que continuamos avançando ao longo dos simpósios, no reconhecimento e valorização da unidade e da diversidade no único Cristo, em comunhão com a Igreja. Contudo, é necessário continuar a integração das expressões religiosas na liturgia e uma maior sistematização da Teologia Índia.

Estiveram presentes em nossa reunião a história e a realidade dos povos indígenas. A memória nos move, por uma parte, a pedir perdão pelas sombras no processo de evangelização e, por outra, a agradecer a Deus pelos inúmeros esforços de entrega ao serviço dos povos.

Que Nossa Senhora de Guadalupe, evangelizadora dos indígenas, nos acompanhe com sua intercessão para que estes povos desfrutem a vida plena do verdadeiríssimo Deus, por quem se vive, e nos leve ao encontro com Jesus e à fraternidade do Reino de Deus.

Pe. Justino Sarmiento Rezende, sdb*

† Pablo Varela Serve**

† Felipe Arizmendi Esquivel***

Pe. Vitor Mendes****

* Indígena do povo Utâpinozona Tuyuka.

** Bispo auxiliar de Panamá. Presidente do Departamento de Educação e Cultura no CELAM.

*** Bispo de San Cristóbal de Las Casas. Coordenador do V Simpósio Educação e Cultura do CELAM.

**** Secretário Executivo do Departamento de Educação e Cultura no CELAM.

O legado humano, teológico e espiritual de J. B. Libanio

Não será fácil dizer em poucas palavras o que significou compartilhar grande parte de minha vida de teólogo com o amigo que nunca perdi: o Pe. João Batista Libanio. Fazendo uma leitura de cego que apenas capta relevâncias, referir-me-ei apenas a alguns pontos que me foram mais familiares.

A pessoa

O Pe. Libanio, como gostava de ser chamado, apresentava traços singulares. Era alegre como suave brisa, irradiante como um sol nascente, simples como uma pomba, humilde como as flores do campo e esbelto em seu andar como cabe a um jesuíta de fina estampa. Era sempre bom estar com ele, pois irradiava otimismo, sabia curtir chistes, tinha mil frases espirituosas ditas em suas devidas línguas. Falava fluentemente as línguas modernas e ainda o latim eclesiástico.

Homem de profunda erudição clássica e moderna. Suas palestras eram brilhantes, entrecortadas por citações ditas de memória, dos melhores autores antigos e modernos. Mas nunca com a arrogância de quem pretende saber mais que os outros. As coisas fluíam com *grazie* e leveza. Ouvir uma palestra sua era uma celebração, pois além dos conteúdos sérios e bem preparados, sabia entreter a plateia com pequenos comentários cheios de espírito. Imitava a gravidade dos teólogos sérios e a hilaridade dos jovens. Enfim, era um artista da palavra.

Mas o melhor do Pe. Libanio era a clara demonstração de alguém que queria melhorar sempre, no fundo, como se aprendia no noviciado e comumente o esquecemos, propor-se ser santo. Mas não o santo clássico que se transforma num santarrão austero e chato. Mas santo na correção ao fazer qualquer coisa. Tudo o que fazia era benfeito. Não disseram de Jesus que passou pelo mundo fazendo o bem? Pois nesta linha, singela e humana, se situa a personalidade do Pe. Libanio que conheci de perto e que posso *ex imo cordis* testemunhar.

Uma coisa que sempre notei nele: nunca ouvi que falasse mal de alguém. E, quando alguns de nós, e eu pessoalmente, fazíamos críticas aos Papas, ele discretamente se distanciava. É o que deve fazer todo bom jesuíta, e ele o foi.

Foi um irmão fraterno que nas minhas tribulações nunca me criticou ou abandonou. Nem reticências, quem sabe merecidas, fazia. Sofria junto, sorria junto, pensava junto.

Por muitos anos, os anos dourados de nossas vidas, trabalhamos juntos na Comissão Teológica da Conferência Nacional dos Religiosos (a primeira sexta-feira do mês), acoplada ao Instituto Nacional de Pastoral (INP no primeiro sábado do mês). Cada qual deveria escrever, tanto para uma como para outra destas instituições, uma monografia com o maior rigor possível. Era discutida, etapa por etapa, pelo grupo. E crescíamos todos na troca de saberes. Nas contribuições positivas e bibliográficas sobressaíam as intervenções do Pe. Libanio.

Depois sopraram ventos invernais. Ocorreu em toda a Igreja a “Volta à Grande Disciplina”, expressão cunhada pelo Pe. Libanio. Foram fechados os dois celeiros mais fecundos da teologia brasileira. Nunca mais se criou pensamento tão original, coletivo e brasileiro como nos anos 1970 até meados de 1980. Haverá ainda um juízo histórico severo sobre aqueles que atulharam essa fonte de águas cristalinas do pensamento religioso e teológico no Brasil, na vontade de tudo enquadrar e submeter a uma única fôrma.

Talvez quem menos se abateu sobre este cismo eclesial foi o Pe. Libanio. Ele continuou e juntos prosseguimos em nossos cursos e palestras que com frequência dávamos juntos a bispos, padres e leigos.

O teólogo

O Pe. Libanio é filho do Concílio Vaticano II. Por isso respirou ares benfazejos. Escreveu belos textos sobre esse concílio, mas, mais que tudo, seguiu-lhe a linha fundamental: toda teologia deve ter a marca pastoral. Faça o que fizer, toda teologia deve ser um momento da evangelização. Por isso há uma característica que, como um fio condutor, passa toda a vasta obra desse homem franzino, magro mas de testa iluminada: a articulação do discurso da fé com o discurso do mundo, a *ars combinatoria* dos saberes das ciências com os saberes da teologia.

Já em sua tese doutoral, que me apraz citar, pois, a seu tempo, a estudei detalhadamente – *Estudos teológicos: análise crítica, renovação, perspectivas* (Loyola, 1969) –, discutia o sentido de uma “Teologia Sintética Geral” (p. 360-364), que depois se transformou em Teologia Sistemática. Eu e ele fomos professores desta disciplina durante todo o tempo de nossa atividade acadêmica. Trata-se de um pensamento teológico complexo que tenta confrontar os dados mais seguros das ciências com a reflexão cristã, fundada na Bíblia, nos Padres, na grande Tradição e no Magistério eclesiástico.

Esse tipo de teologia – a Teologia Sistemática – exige duas virtudes intelectuais: o dom da análise e a capacidade da síntese. A análise implica recolher os dados dos vários saberes, com critério e com sentido do que é ou pode ser relevante para a vida e para a fé. A síntese comporta a capacidade de compor, com a complexidade dos dados, seja das ciências, seja das várias disciplinas teológicas (exegese, patrologia, história, liturgia etc.), um quadro coerente que torne a fé cristã atual atraente e compreensível para os fiéis e para outros interessados em assuntos de religião ou de Igreja.

Nisso o Pe. Libanio, sem exagero, foi um mestre. Basta ver sua produção: trata do tema dos jovens, da cidade, da

modernidade, da pós-modernidade, do futuro da religião, da fé e da política e outros afins. Cabe ressaltar, pois ajudou a tantos nos grupos de estudo de base, os três pequenos livros *Formação da consciência crítica: I – subsídios filosófico-culturais; II – subsídios socioanalíticos; III – Subsídios psicopedagógicos* (Vozes, 1979, sempre reeditados).

O Pe. Libanio conta-se entre os fundadores da teologia da libertação no Brasil. O tema libertação percorre toda sua produção, pois a teologia da libertação não é uma disciplina, mas uma maneira de abordar todos os temas, tomando consciência das opressões e opondo-lhes caminhos de libertação.

A obra

O Pe. Libanio viveu tão coerentemente os ideais da teologia da libertação, a qual encontra na opção pelos pobres contra a pobreza sua marca registrada, que assumiu ser vice-pároco da paróquia de Vespasiano, nos arredores de Belo Horizonte. É de todos conhecido o carinho e o cuidado que devotava aos mais humildes e invisíveis. A celebração de sua ressurreição em Cristo no ano de 2014 transformou-se, na paróquia, numa verdadeira apoteose da vida e da alegria no Espírito.

Como já enfatizei, sua obra é vasta e complexa. Dou especial relevância a duas, pois são verdadeiros tratados de um tirocínio já bem amadurecido e carregado de experiência espiritual. Refiro-me primeiro ao livro *Eu creio – nós cremos: tratado da fé* (Loyola, 2000). É mais que um tratado da fé. É uma pequena suma teológica do Cristianismo para o espírito contemporâneo. Aborda a questão da própria fé no contexto da modernidade e da pós-modernidade, a questão de Deus como Trindade, a cristologia, a pneumatologia, a eclesiologia, a nova cosmologia, as religiões do mundo e a libertação integral como o grande desafio do século XXI. É um livro profundo, didático, com citações de autores antigos e modernos e chaves de leitura.

O outro é *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina* (Loyola, 2003). Eu

diria que este livro continua e aprofunda o anterior. Conceitua primeiramente o que seja o cristianismo, coloca-o numa perspectiva global, seja na visão da Igreja, da modernidade e pós-modernidade, seja das religiões. Levanta a questão da ética num mundo globalizado e da contribuição que o cristianismo pode e deve trazer. Não foge dos desafios colocados pela ciência com seus acertos e desacertos e dos graves problemas socioeconômicos que atribulam a humanidade, especialmente os pobres. Com coragem e confiança sugere atitudes positivas em face de um futuro sombrio que pesa sobre a humanidade e propõe pistas concretas de pastoral para enfrentar a crise e não permitir que se transforme numa tragédia de consequências inimagináveis para o sistema-vida e para o sistema-Terra.

Estes livros são orientadores para os cristãos e para outras pessoas, particularmente, para os intelectuais preocupados com o futuro da espécie e o risco de um fracasso de nosso projeto civilizatório. Pe. Libanio olha para o futuro com esperança porque, depois que Cristo ressuscitou, não temos mais o direito de sermos pessimistas e trágicos. A vida não apenas triunfa. Ela será transfigurada e elevada ao seu mais alto grau de realização.

Por fim, há um aspecto que somente um teólogo que, no entardecer da vida e tendo acumulado muita experiência, se disporia a escrever. É sua produção de livros sapienciais. Cito os livros *Caminhos de existência* (Paulus, 2009), onde trata de várias situações existenciais e também como “viver no mundo das relações virtuais” (p. 159-174). Outro livro notável é *Introdução à vida intelectual* (Loyola, 2001). Tem a ver com um livro teórico e prático. Na parte teórica aborda, eu diria com a mesma preocupação de Max Weber em 1919, em sua famosa conferência aos estudantes da Universidade de Munique, a *Ciência com vocação*. O Pe. Libanio aprofunda as atitudes fundamentais da vocação intelectual, realista e criativa ao mesmo tempo, o desafio de aprender a pensar o que sabemos, a honestidade intelectual, o senso crítico e outros capítulos importantes. Na segunda parte mostra-se o professor que muito pesquisou e orientou teses: como é a produção intelectual, como se define um tema de tese,

como se processa a confecção de uma monografia ou dissertação para culminar as formas no ensino acadêmico com a aula magistral, os seminários e a tutoria. Cabe lembrar que por anos Pe. Libanio foi o “repetitor” no Pio Brasileiro em Roma, onde se formavam os jovens teólogos que depois vieram animar e renovar o ensino da teologia no Brasil.

Por fim o livro *Em busca da lucidez: o fiel da balança* (2008), um canto de cisne de um teólogo pensador, preocupado com o destino humano e não apenas da Igreja. Aborda temas atuais que vão da globalização, passando pelo desafio da nova biologia, das três grandes revoluções (do mercado, da informática e da genética), até chegar à Igreja pensada como vasta rede de comunidades. Vale lembrar que Pe. Libanio, junto com seu primo Frei Betto, estão nos inícios dos grandes encontros nacionais das Comunidades Eclesiais de Base que se constituem quais verdadeiros “concílios” populares, nos quais se discute o caminho da fé no meio dos pobres e invisíveis. O Pe. Libanio acompanhou esta caminhada que já dura décadas e que carrega o futuro de um Cristianismo encarnado na cultura popular, ecumênico, libertador e aberto a outros caminhos espirituais.

A vida e o seu trabalho nunca se concluem. Inteiros mas incompletos. Por isso, seguem para além desta vida, obedecendo a um desígnio divino que só será revelado quando nos encontrarmos com Ele, face a face: fonte de vida, de inteligência e de amor. O Pe. Libanio, enfim, goza daquela Presença que ele sempre pregou e testemunhou. Somente agora a sua teologia poderá se completar, quando se dá o encontro inefável entre o homem, o cristão, o teólogo e companheiro Pe. João Batista Libanio com o seu e nosso Deus, que é comunhão de divinas Pessoas no amor e paz infinita.

Foi graça do Altíssimo ter podido fazer parte de minha caminhada um amigo e um irmão desta grandeza que foi o Pe. João Batista Libanio. Deus seja louvado!

Leonardo Boff

Lançamento do livro "Cristianismo e economia"

O lançamento do livro *Cristianismo e economia: repensar o trabalho além do capitalismo* ocorreu no dia 21 de novembro de 2014 na Bienal do Livro de Belo Horizonte (estande de Paulinas Editora). O discurso teológico é um discurso público. Não só a Igreja, mas a sociedade e a academia são seus "públicos". O autor, como alguém vinculado aos três públicos, pretende dirigir-se a todos os públicos. Por isso o lançamento na bienal.

O livro anterior, *Trabalho e capitalismo global: atualidade da doutrina social da Igreja* (Paulinas, 2011), apresenta o trabalho a partir do olhar do Magistério da Igreja. Esta nova publicação dá outro passo na reflexão. A teologia tem a Deus como referência primeira. O que um discurso sobre Deus tem a ver com o mundo do trabalho? Essa realidade tão humana possibilita interpretar com mais agudeza a experiência de fé que acontece na história. O mundo do trabalho é um destes acontecimentos *no hoje da salvação que acontece na história*.

O livro aborda o trabalho tal como aparece nas duas primeiras décadas do século XXI. Contudo, apesar de seus mais de trezentos anos, o capitalismo mantém suas características principais: *mercado, propriedade privada, exploração do trabalho assalariado*. Vivemos na era do capitalismo cognitivo, financeirizado, científico-tecnológico, do conhecimento e da informação, da *rede*. Nele, o trabalho avança sobre todas as dimensões da vida e a absorve. A superterceirização invade as atividades e fragiliza o trabalhador: insegurança no emprego, baixos salários, poucas garantias trabalhistas, aumento de acidentes e das enfermidades associadas ao

trabalho, doenças psicossomáticas. Estamos mergulhados em uma teimosa crise ambiental, social, antropológica.

O novo contexto exige uma reconfiguração do olhar teológico. Este propósito está organizado em três partes distribuídas em 15 capítulos. A primeira parte – Teologia do trabalho no capitalismo – aborda o estado atual da questão. Examina as origens da moderna teologia do trabalho. Descobrimos que o trabalho é uma construção cultural e uma invenção da modernidade. O capitalismo reduziu seu sentido a uma mercadoria, a emprego.

Como é possível manter toda uma sociedade motivada em torno do trabalho? Existem *vestígios de capitalismo* nas motivações ao trabalho da tradição monástica do *ora et labora*, em Santo Tomás de Aquino e na Reforma Protestante com sua *ética do trabalho* (Weber). Atualmente, *responsabilidade social, economia verde, tecnologias verdes, sustentabilidade* seriam formas de persuasão, um capitalismo pintado de verde e sustentável.

A segunda parte do livro apresenta a tradição judaico-cristã como fonte na busca por outro "espírito do trabalho". Interpretar a existência humana à luz da Palavra de Deus é a grande característica dos diversos textos bíblicos. A mensagem mais importante da Sagrada Escritura sobre o trabalho está condensada no *sábado*. A saída da casa da escravidão de um grupo de trabalhadores explorados origina um novo quadro social em que um dia de descanso do trabalho (*sábado*) exerce função de *vigia* da Aliança do povo com seu Deus libertador. O *sétimo dia* aponta para uma existência alicerçada na dignidade humana, na liberdade e na justiça. É um repousar *junto com* o outro, com as criaturas e com toda criação. O livro do *Eclesiastes* desmascara os enganos ocultos no sucesso meramente político-econômico alcançado pelo trabalho. "Quem ama dinheiro nunca se fartará de dinheiro, nem de rendimentos quem ama o luxo. Isso também é vaidade" (Ecl 5,9).

A mensagem do *sábado* e da *sabedoria* é esclarecida em Jesus Cristo, o *Senhor do sábado* (Mt 12,1-8). O Filho Unigênito assume a *carne do trabalhador* em meio aos trabalhadores. Sua mensagem, o anúncio do Reino do Pai, confere sentido

humano ao trabalho. “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também” (Jo 5,17). Nesta direção, o Apóstolo Paulo ensina que a misericórdia e a justiça do Reino são incompatíveis com o fato de que alguns se aproveitem do trabalho dos outros sem dar nenhuma contribuição à comunidade e sem expressar solidariedade aos pobres. O verdadeiro *sábado* é Cristo, festejado no domingo. E o domingo é um dia de solidariedade e libertação.

O percurso feito pelos textos bíblicos oferece elementos para uma compreensão do trabalho. A terceira parte – Descanso e trabalho – é um esforço de reflexão ético-teológica. O domingo – *Dia do Senhor* – tem na liturgia seu sentido teológico. Liturgia, teologia e práxis (*lex orandi, lex credendi, lex agendi*) são vinculantes; o binômio *sábado-domingo* é sinal da unidade do processo salvífico na história: *Memorial de salvação*; a dimensão libertadora que vincula os *Memoriais* constitui a chave de interpretação dos núcleos temáticos de uma *teologia do trabalho*. O projeto de salvação/libertação encontra forte resistência dos modelos fundados na injustiça alimentada pela idolatria. A violência de um sistema materialista (idolátrico) sempre recai de forma cruel sobre os pobres e sobre a criação.

O livro aborda a relação da atividade humana com o meio ambiente. *Pão e vinho* – natureza e trabalho – são dons divinos perfeitamente articulados na liturgia. Um trabalho que participa na ação criadora e salvadora de Deus. Os graves problemas ambientais estão ligados à forma como o trabalho é exercido no capitalismo. Como aliar a agenda ambiental à agenda social dos sindicatos e movimentos sociais (geração de trabalho, distribuição de renda, inclusão social via consumo e previdência social)? A liturgia, geradora da igualdade na dignidade, inspira a refletir sobre a dimensão social. Somos imagem de *Deus Trindade* não em nossa individualidade fechada, mas em relação com o outro. O trabalho, como relação social, não se esgota no sucesso econômico de um alto salário, na competitividade ou na realização profissional. Toda atividade social deve gerar sociabilidade e reconhecimento.

Toda ação verdadeiramente humana acontece no tempo e visa ao bem do agente. O trabalho está embutido no tempo de viver de cada um, na festa e no descanso. Jamais o contrário. O *sábado* para o israelita e o *domingo* para o cristão (sexta-feira para o Islã) são dias festivos, santificados e livres do trabalho. O descanso revela toda contingência, ambiguidade e imperfeição do trabalho. O descanso humaniza, impede a morte da alma, da contemplação e do amor. Trabalho sem descanso leva à crise antropológica, social e ecológica. Também a festa é um elemento integrante do processo de humanização da criatura humana no tempo. Na tradição de Israel, o trabalho está vinculado à festa. O Cristianismo também é uma religião festiva. A festa humaniza e configura a identidade do indivíduo, gera e alimenta a sociabilidade. A abolição do verdadeiro sentido da festa leva à escravização do ser humano pelo sistema.

Liturgia, teologia, práxis. Como recuperar o sentido humano do trabalho ante o poder do capital? “O homem de hoje é considerado em chave predominantemente biológica ou como *capital humano, recurso*, parte de uma engrenagem produtiva e financeira que o ultrapassa. Um capitalismo financeiro sem limites, que prevalece sobre a política e desconstrói a economia real” (Ratzinger). Do ponto de vista da justiça social, o século XXI está se tornando uma versão do século XIX (Thomas Piketty). A subordinação do trabalho ao capital extrapola a questão econômica. Há um problema transcendental, uma questão de fé. A absolutização do capital não deixa de ser uma autodivinização que sacrifica vidas humanas. Por isso, “essa economia mata” (Papa Francisco).

Refletir sobre mundo do trabalho e sistema econômico é pauta obrigatória. Somente uma abordagem mais consistente do sistema econômico fará com que a releitura dos temas teológicos – criação, redenção, libertação, Reino de Deus, amor – tenha alguma incidência sobre os desafios colossais que se apresentam.

Para isso, é preciso o convencimento de que o capitalismo não é o único modelo possível de organização socioeconômica e política. É forçoso reexaminar as condições objetivas

da possibilidade de apostar em alternativas que implodam a exploração do trabalho e do fetiche do dinheiro que ocultam a idolatria. O capital não se restringe a funções produtivas. Para controlá-las, o capital necessita controlar a política. Tem-se atualmente uma classe trabalhadora convertida em apêndice de um autodenominado *sistema político democrático*. Pensar, mas com seriedade, outro mundo do trabalho fora da lógica do capitalismo. Por que não começar pelo domingo? "O domingo livre do trabalho nos diz que o importante não é o trabalho, mas as relações com os outros, com Deus e com a comunidade. Não trabalhar nos domingos é uma verdadeira liberdade" (Papa Francisco).

Os sistemas idolátricos e totalizadores são partidários do esquecimento (Walter Benjamim) e inimigos de memórias subversivas. Para o cristão, o primeiro é manter viva e atuante a *Memória subversiva de Jesus*. Somente ela não permite que a utopia, a esperança e a boa notícia do Reino desfaleçam. Testemunhar na vida a utopia subversiva do Senhor é encontrá-lo em mãos calejadas, rostos entristecidos e vidas flageladas pela injustiça. Colocar a realidade do trabalho na vida da Igreja (Papa Francisco). Quando a Igreja sofre na carne de cada trabalhador/a (*Gaudium et spes*, n. 1) e redescobre que, em Cristo, Deus toca essa humanidade ferida e desprezada (Rm 8,13), ela se torna subversiva e pode proclamar sem hipocrisia: "Ninguém põe vinho novo em tonéis velhos" (Mc 2,22).

Pe. Elio Estanislau Gasda*

* Doutor em Teologia, é professor de Ética Teológica e Social na graduação e pós-graduação na Faje. Autor de *Cristianismo e economia: repensar o trabalho além do capitalismo*. São Paulo: Paulinas, 2014. 312 p.

ALFREDO J. GONÇALVES*

"Jesus disse: aqueles que se dizem governadores das nações têm poder sobre elas, e os seus dirigentes têm autoridade sobre elas. Mas entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês, e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se o servo de todos. Por que o Filho do Homem não veio para ser servido, Ele veio para servir"
(Mc 10,42-45)

A frase do título e a epígrafe citada estarão no centro dos debates da Campanha da Fraternidade de 2015, cujo tema e lema serão, respectivamente, *Fraternidade: Igreja e Sociedade* e *Eu vim para servir* (Mc 10,45). Na base de toda forma de poder e de governo existe uma tensão latente que pode ser expressa em dois binômios antitéticos: serviço/poder e autoridade/autoritarismo. Nos relatos bíblicos e evangélicos, bem como ao longo da história da Igreja e dos princípios de seu ensino social, ambos se mesclam e se entrelaçam. De um lado, de um ponto de vista negativo, não poucas vezes trono e o altar ou cruz e espada estabeleceram uma aliança nefasta, deixando atrás de si um rastro de violência, fanatismo e cadáveres. De outro lado, em termos positivos, os valores evangélicos foram capazes de oferecer um testemunho gratuito em vista do bem da sociedade em que vivemos e da humanidade como um todo.

À luz da Palavra de Deus, vejamos mais de perto esses dois binômios. Depois, tomaremos alguns princípios da Doutrina Social da Igreja (DSI) para ilustrar melhor o serviço da Igreja na sociedade de hoje. Em tal serviço, sublinhamos desde logo o papel relevante das Ordens, Congregações e

* Alfredo J. Gonçalves, cs, missionário de São Carlos (scalabriniano), nasceu em Portugal, Ilha da Madeira, vive há mais de quarenta anos no Brasil. Foi diretor do Centro de Estudos Migratórios, em São Paulo, e durante cinco anos assessor do Setor Pastoral Social da CNBB. Atualmente exerce a função de vigário-geral de sua Congregação, em Roma.

Institutos de Vida Religiosa Consagrada (VRC), na radicalidade da *sequela Christi*, com suas exigências e desafios.

Autoridade e autoritarismo

Começemos por assinalar uma distinção notória entre os conceitos de autoridade e autoritarismo. Este último constitui o exato oposto daquela, negando-a em sua raiz mais profunda. A autoridade, de fato, nasce, cresce e se difunde não com o grito e a força, o domínio ou a opressão. Ao contrário, matura através do testemunho, da persuasão ou com os argumentos da razão. Por que os evangelistas insistem que “Jesus ensinava como quem tem autoridade” (Mc 1,22)? De onde lhe vem essa prerrogativa? De imediato, convém olhar mais de perto alguns aspectos da autoridade inquestionável de Jesus: a intensa escuta da vontade do Pai, a continuidade/descontinuidade com a tradição religiosa do Povo de Israel, a sensibilidade para com os pobres e marginalizados, os espaços de partilha do pão e da vida.

-) . De acordo com os relatos evangélicos, eram frequentes e prolongados os momentos de intimidade com o Pai na vida pessoal e na prática evangélica de Jesus. Os estudiosos do Novo Testamento são unânimes em sublinhar essa recorrência no ministério público do Nazareno. Nesta, o silêncio e a oração aparecem claramente como sinônimos, o que significa escuta mística e profunda da vontade de Deus. A esse respeito, Jesus jamais fala por si mesmo, mas sempre em nome d’Aquele que o enviou. “O Pai e eu somos um” (Jo 17,30). Prova disso é a oração do Pai-Nosso como herança deixada aos discípulos (Lc 11,1-4). O momento culminante dessa escuta e obediência à vontade do Pai encontramos na oração do Monte das Oliveiras, na véspera de sua morte: “Pai, se possível, afasta de mim este cálice. Contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22,42).

Na verdade, os títulos de Senhor, Cristo, Ressuscitado ou Messias, também conforme a maioria dos estudiosos, difundem-se não com o ministério público do próprio Jesus, e sim

com o Cristianismo primitivo. O núcleo das obras e mensagem do Nazareno gira em torno da órbita do Reino de Deus. Com efeito, o “já” e o “ainda não” do Reino constituem a Boa-Nova do Evangelho. Tal sintonia com o Pai revela-se um aspecto fundamental da autoridade de Jesus, sobretudo no confronto com o comportamento incoerente e hipócrita dos escribas, fariseus e saduceus. Estes não deixavam de referir-se ao Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, mas o haviam relegado ao rigor de uma lei férrea e fossilizada, ao passo que para Jesus Deus se converte no íntimo *Abbá* (= Pai).

) A A atitude do silêncio, da oração e escuta mergulha suas raízes na longa trajetória do Povo de Israel. A consciência de “povo eleito” e “povo da aliança” assenta-se sobre dois pilares que permeiam praticamente todas as páginas dos livros do Antigo Testamento: memória e promessa. A memória remonta à experiência fundante e primordial da libertação do Egito (Ex 3,7-10). Na espiritualidade dessa experiência, Deus se revela como aquele que “vê, ouve e conhece” a situação concreta do povo escravo, sob a tirania dos faraós, como se lê na confissão de fé do Povo de Israel (Dt 26,5-10). Sabe de sua aflição, de seu clamor e de seu sofrimento. Mas seu compromisso com os oprimidos vai muito além! De fato, ele é também um Deus atento, sensível e solidário, que se comove até as entranhas, e que por isso mesmo “desce” e caminha com seu povo pelas estradas áridas e agrestes do êxodo, do deserto, do exílio e da diáspora.

Enquanto os fundamentos da Lei se encarregam de recordar essa experiência mística através de um forte e veemente “lembra-te de que foste escravo no Egito...” (Dt 5,15), o movimento profético, por sua vez, atualiza-a através do binômio denúncia e anúncio, na perspectiva do direito e da justiça. Com coragem e veemência, retomam os fundamentos da espiritualidade libertadora. “Escutem bem, chefes de Jacó, governantes da casa de Israel! Por acaso não é obrigação de vocês conhecerem o direito? Inimigos do bem e amantes do mal, vocês esfolam o povo e descarnam os seus

ossos; vocês são gente que devora a carne de meu povo e o esfola; quebra seus ossos e os faz em pedaços, como carne na panela, como um cozido no caldeirão” (Mq 3,1-3).

O próprio Jesus alicerça a sua missão nas palavras do profeta Isaías (Lc 4,16-20; Is 61,1-2). A presença e as palavras desse “hebreu marginal” (John P. Meier) lhe conferem um novo aspecto de autoridade. Também neste caso torna-se evidente o contraste com seus opositores. Estes, tal como Jesus, buscavam a continuidade com a história de salvação do Povo de Israel, mas, diferentemente do Nazareno, haviam enrijecido de tal modo a “lei e os profetas” que continuidade e descontinuidade entram em conflito. Enquanto os escribas, fariseus e saduceus transformaram a aliança em um fóssil cristalizado, um “fardo” pesado e impraticável, o Galileu itinerante revela toda sua força dinâmica. Personifica o espírito vivo da nova aliança! Nessa renovação vivificada do espírito, Jesus estabelece uma descontinuidade com a religião oficial de sua época, indicando o caminho da fonte primordial, onde a água é mais límpida e transparente.

Neste item, as palavras jamais bastarão para sublinhar suficientemente a predileção de Jesus pelos marginalizados e indefesos, pelos pequenos e últimos. Se faltam as palavras, sobram os gestos! O contexto sócio-histórico em que o Mestre exerceu o seu ministério público é marcado por uma tríplice exclusão social, a qual pesava duramente sobre os excluídos da sociedade. Eles eram considerados simultaneamente pobres, doentes e pecadores, quase como se estes três termos fossem sinônimos. Mas na prática de Jesus, o seu olhar paterno-materno, com ressonâncias na predileção do Deus do Antigo Testamento pelo “órfão, viúva e estrangeiro”, ganha um significado de infinita misericórdia e compaixão.

Tanto é verdade que sua caravana nunca ignora e menos ainda atropela quem grita por socorro, mesmo quando o grito não passa de um toque tímido, silencioso e cheio de esperança, como é o caso da mulher que havia doze anos sofria de hemorragia (Mc 5,25-34). Atento e solidário, Jesus se detém, cura, conforta e perdoa. Mas o grande ícone dessa

sensibilidade solidária para com os excluídos, à margem do caminho e da vida, podemos encontrar na parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37), com a conclusão taxativa de “vai e faz o mesmo”. Da mesma forma que a intimidade e sintonia com o Pai, a presença e empatia com as dores e esperanças dos pobres conferem não pouca autoridade à figura do Mestre, como também ao seu seguimento por parte da VRC. Mestre do caminho, não do templo e da lei, de discursos ou de palavras vazias! Constata-se como montanha e caminho (oração e ação) se integram, se complementam e se interpelam reciprocamente na prática de Jesus. A intimidade com o Pai como que desvenda o rosto desfigurado dos pobres e, por outro lado, o compromisso com estes reconduz aos momentos intensos de oração. “Como desejaria uma Igreja pobre para os pobres, os pequenos, os últimos”, disse o Papa Francisco numa coletiva de imprensa logo após a eleição à cátedra de Pedro. O pontífice expressa, contemporaneamente, um desejo e um desafio: o *desejo* evidencia-se na própria formulação da frase; o *desafio* desvenda a existência de forças contrárias no interior da própria Igreja.

É amplamente conhecido entre os especialistas do Novo Testamento o contraste entre João Batista, o profeta austero, sisudo e solitário, cuja “voz clama no deserto” (Jo 1,23), por uma parte, e Jesus de Nazaré, o profeta itinerante e alegre (E. Schillebeeckx), por outra. Este último, como mostram as páginas dos quatro evangelistas, vive e convive em meio às “multidões cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9,35-38). Nessa convivência junto ao povo, por diversas vezes o Nazareno se faz convidar à casa e à mesa, ou promove ele mesmo espaços de convivialidade, onde se realiza o intercâmbio entre o pão e a palavra que narra a existência da pessoa, grupo de amigos ou comunidade. É o que os sociólogos chamam de comensalidade (condividir pão e vida) e que, de um ponto de vista teológico, antecipa na trajetória pública de Jesus o grande banquete do Reino.

Diversamente dos profetas do Antigo Testamento e de João Batista, Jesus privilegia não o anúncio de um julgamento

iminente e terrível, e sim a Boa Notícia de uma festa sem fim e aberta a todos, mas com inegável preferência para os pobres, os aflitos, os que choram, os mansos os perseguidos... Como se lê nas chamadas Bem-aventuranças (Mt 5, 1-12), aos quais o evangelista Lucas contrapõe “os ricos, os que agora têm fartura, os que riem e os que são elogiados por todos” (Lc 6,20-26). Ou ainda um Reino que será dado em herança àqueles que “deram de comer aos famintos e de beber aos sedentos, acolheram os estrangeiros e vestiram os nus, cuidaram dos doentes e visitaram os encarcerados” (Mt 25,31-46). Em igual perspectiva, o episódio da multiplicação dos pães (Mc 6,35-42), o encontro da última ceia (capítulos de 13 a 17 do Quarto Evangelho), como veremos mais adiante, e, posteriormente, a celebração eucarística nas primeiras comunidades cristãs constituem sinais escatológicos do Reino definitivo.

Semelhante atitude, evidentemente, contagia e faz vibrar cordas adormecidas no coração e na alma de quem se encontra com Jesus, conferindo-lhe uma vez mais autoridade. Basta-nos recordar os dois retratos que Lucas traça no Livro dos Atos dos Apóstolos sobre o testemunho dos primeiros cristãos (At 2,42-47; 4,32-37). Desnecessário acrescentar que os religiosos e religiosas de VRC, não em primeiro lugar mas de forma radical, surgiram no seio da história da Igreja para dar testemunho desse tipo de autoridade que dispensa palavras e se nutre do silêncio, particularmente junto aos pobres e marginalizados.

Serviço e poder

O pano de fundo do serviço, numa perspectiva evangélica, encontra-se igualmente no lema da CF/2015 e na epígrafe deste artigo. Mas podemos identificar um sentido ao mesmo tempo mais profundo e mais concreto no episódio da última ceia, especialmente na narração do Quarto Evangelho (capítulos 13 a 17). Nas páginas de João, à mesa segue-se o lava-pés, um diálogo de despedida com os discípulos e a chamada “oração sacerdotal” de Jesus. Esses cinco

capítulos já foram batizados de distintas formas, tais como “coração materno de Jesus”, seu “testamento espiritual” ou “evangelho dentro do Evangelho”.

A primeira coisa que chama a atenção é, sem dúvida, sua linguagem profundamente sensível, comovida, maternal. Expressões como “filhinhos”; “eu vou para o Pai, mas não vos deixarei órfãos”; “amem-se uns aos outros como eu vos amei, sejam um como eu e o Pai somos um”; “permaneci em mim e eu permanecerei em vós”; “não tenham medo, eu estarei com vocês até o fim dos tempos”; “por um pouco não me vereis, mas depois me vereis de novo”; “vou enviar-vos um defensor, o Paráclito” – denotam um coração simultaneamente entristecido pela despedida e preocupado com a orfandade do grupo. Um coração tomado pelo amor e pela ternura, como testemunha o relato de Lucas: “ardentemente quis comer esta ceia convosco, antes de sofrer a paixão” (Lc 22,15). Não é raro encontrar expressões semelhantes nos fundadores e fundadoras de Congregações e Institutos de VRC, dirigindo-se a seus “filhos e filhas” de carisma. Vejamos mais de perto três aspectos desse episódio da Quinta-feira Santa: o lava-pés, o diálogo com os discípulos e a oração sacerdotal.

Na última ceia, a mesa se torna altar; o alimento é partilhado. Jesus oferece seu corpo e sangue em Eucaristia. Que significa isso no contexto da economia globalizada onde, segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação), mais de um bilhão de pessoas encontram-se subnutridas em todo o planeta? Por outro lado, de acordo com relatório da mesma Organização, o desperdício de alimentos custa ao mundo 750 bilhões de dólares. O Brasil é um caso emblemático. Ocupa o quarto lugar em produção de alimentos. Entretanto, conforme dados da Embrapa, 26,3 milhões de toneladas vão parar no lixo, o que significa que, diariamente, o país desperdiça o equivalente a 39 toneladas. Com isso, nada menos do que 19 milhões de pessoas poderiam se alimentar com três refeições diárias.

O que pode fazer a Igreja diante de contrastes tão flagrantes? Convém não esquecer que, desde as primeiras comunidades cristãs e ao longo da história da Igreja, esta sempre representou um socorro aos pobres, doentes e famintos, com destaque para as obras sociais dos Institutos da VRC. A assistência imediata é urgente, necessária e inadiável, porém não basta. A voz da Igreja, através de seus pastores e dos meios de comunicação *ad intra e ad extra*, deve erguer-se com vigor profético para denunciar a injustiça e o desequilíbrio socioeconômico na distribuição dos bens e na exploração de regiões e países empobrecidos, em vista do acúmulo sem freios dos países ricos. O poder e a influência da Igreja podem e devem estar a serviço de novas relações nacionais e internacionais entre regiões e países subdesenvolvidos e periféricos, de um lado, e regiões e países desenvolvidos e centrais, de outro. A história da humanidade não pode continuar com a concentração de renda, riqueza e poder, ao lado de exclusão social, pobreza, miséria e fome.

2. Lavar os pés era tarefa dos escravos. Jesus se “despoja de sua condição divina e faz-se obediente até a morte e morte de cruz” (Fl 2,6-11). A força do gesto revela que o testemunho concreto é infinitamente mais eloquente do que as palavras, os sermões, os discursos, os documentos... Se é verdade que todo o poder deve estar a serviço do bem comum de toda a sociedade, com muito maior razão isso vale para o poder simbólico e a influência da Igreja e da VRC. É sua função intransferível, primeiro, defender os princípios da moral e da ética dentro das instâncias eclesiais e religiosas, ou seja, no interior de sua própria organização. Num segundo momento, fazer uma vez mais ouvir sua voz profética para que a política e a democracia sigam os mesmos princípios na administração da *rex publica*.

Males como a compra e venda de votos, o tráfico de influência política, o uso indevido dos bens públicos, os favorecimentos de amigos e familiares, a corrupção, o populismo, o personalismo, o coronelismo, e outros “ismos” igualmente nocivos... Tudo isso infesta a prática política na democracia em geral. Como transformar um *projeto de poder*

– implícita ou explicitamente presente em todos os partidos e coalizões – em *projeto de nação*, voltado para as necessidades básicas da população mais carente? Vale aqui o alerta do escritor espanhol Noel Clarasó, segundo o qual “um político pensa nas *próximas eleições*; um estadista, nas *próximas gerações*”. Para o cristão, resulta o compromisso de participar da vida pública, tentando incidir sobre a necessidade de mudanças profundas e estruturais, em vista do bem-estar da maioria da população.

3. Jesus, o sumo sacerdote por excelência, intercede pelos discípulos, embrião da Igreja primitiva, bem como por aqueles que acompanharão seus passos ao longo da história. Tem plena consciência de que a opção pela justiça e pelo direito, a exemplo dos profetas, resultará em perseguição e morte. Não será exagero afirmar que a “oração sacerdotal”, tanto em Jesus como nos tempos atuais, tem um duplo endereço: dirige-se ao Pai, no sentido de reconhecer que, do ponto de vista da fé e em última instância, só Deus tem nas mãos as rédeas da história. Ao mesmo tempo, porém, dirige-se igualmente aos governantes, intelectuais e autoridades de todos os países, pois a ação de Deus nos acontecimentos do dia a dia somente se dá através das coordenadas da mesma história. A história, de fato, é uma só: nela a ação divina e a ação humana se entrelaçam para superar os males, tormentas e adversidades, buscando uma sociedade justa e fraterna, solidária e sustentável, tanto do ponto de vista social quanto ecológico.

Por outro lado, a “oração sacerdotal” só terá efeito se for acompanhada, de um lado, pelo testemunho concreto da própria Igreja, como já vimos; de outro, pelo estabelecimento de laços e relações eficazes com todos “os homens de boa vontade”. Nem a Igreja Católica nem a VRC possuem o monopólio do bem e dos valores essenciais à existência humana. Outras pessoas, organizações e instituições sociais, bem como outras Igrejas, lutaram, lutam e seguirão lutando por justiça e paz. Uma grande quantidade de indivíduos, cristãos ou não, tombou como mártir na busca do bem e da paz. O desafio aqui é unir os esforços de todos,

na convergência do bem comum. Hoje se fala em trabalho de rede, em parceria, e coisas do gênero. Trata-se de empenhar-se por uma forma de sinergia que torne mais eficaz a ação de todos.

Também aqui a Vida Religiosa Consagrada (VRC), com destaque para sua dimensão apostólica, mergulha suas raízes mais profundas não apenas na meditação, contemplação e oração, mas no serviço a realidades bem concretas de pobreza e sofrimento. Prova disso é a inserção de numerosos missionários e missionárias nos porões da sociedade, nas periferias das grandes metrópoles e nos povoados longínquos e abandonados.

Dignidade da pessoa humana

Os princípios ou fundamentos da Doutrina Social da Igreja (DSI) – ou do Ensino Social da Igreja, como preferia Paulo VI na carta apostólica *Octogesimo Adveniens* (1971) – são como partículas que giram em torno de um único átomo: a dignidade da pessoa humana. Esta é o núcleo central de todos os documentos, cartas, encíclicas, exortações apostólicas, e assim por diante. Para conquistar ou defender tal “dignidade da pessoa humana”, especialmente a partir da *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, publicada em 1891, é que os pastores, bem como os fundadores e fundadoras de vários institutos de Vida Religiosa, erguem sua voz diante da sociedade, da opinião pública e dos governantes, em declarações, encontros, assembleias ou sínodos ou nos diversos documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. De entre as linhas mestras da DSI, e tendo em conta a centralidade da pessoa humana, tomaremos nas mãos quatro princípios básicos: o primado do trabalho sobre o capital, o destino universal dos bens, o desenvolvimento integral e o papel do Estado.

Desde a *Rerum Novarum*, carta encíclica inaugural da DSI, sobre a condição dos operários sob os efeitos da Revolução Industrial, os documentos afirmam com firmeza a primazia do trabalho sobre o capital. Questões relacionadas ao salário

justo e à subsistência familiar, à grande chaga que é o desemprego e às condições de salubridade no trabalho, entre outras, têm sido as principais preocupações do Magistério nas relações entre patrões e empregados. Hoje em dia, no contexto na economia globalizada e da crescente precarização dos vínculos empregatícios, tende a acirrar-se o conflito capital-trabalho. Expressões como flexibilização das leis trabalhistas ou terceirização representam verdadeiras ameaças. São desastrosas as consequências para a imensa maioria dos trabalhadores e trabalhadoras de todo o planeta. Não poucos se vêm forçados à migração em massa.

Na *Laborem Exercens*, carta encíclica sobre o trabalho humano, de 1981, no 90º aniversário da *Rerum Novarum*, o então Papa João Paulo II recoloca o trabalho como chave da questão social e da própria existência humana. Através dele é que o ser humano se realiza plenamente, ao mesmo tempo que é chamado a colaborar com a obra da criação. Nessa linha de princípio, o desafio atual é encontrar formas de reafirmar com novo vigor a prevalência do trabalho e do trabalhador sobre a acumulação indiscriminada de lucros por parte da férrea lógica do capital. Cabe aqui um olhar mais atento para as iniciativas populares da chamada economia solidária, as quais se multiplicam por toda parte, precisando do estímulo e do incentivo da Igreja.

Mas não basta isso! Além do apoio à criatividade dos próprios trabalhadores, com suas famílias e comunidades, é necessário denunciar uma das maiores contradições da economia mundial: os equipamentos da tecnologia moderna convivem lado a lado com formas de trabalho similares ao tempo da escravidão, tais como trabalho infantil, trabalho feminino com remuneração inferior, trabalho domiciliar, trabalho temporário... A corrida aos lucros leva a ignorar as condições reais dos contratos de trabalho, fazendo deste um simples meio para aquele fim. Disso resulta a necessidade de uma incidência mais eficaz sobre governos e empresas, no sentido de respeitar não somente o direito ao trabalho como fim em si mesmo, mas também os direitos à dignidade de quem precisa dele para sustentar a família. Não é à toa que

na segunda metade do século XIX, no contexto da Revolução Industrial e mais ou menos contemporâneas à *Rerum Novarum*, nascem diversas Congregações Religiosas e Institutos Leigos para responder aos desafios sociopastorais da época, os chamados “santos sociais”, precursores remotos dos Concílio Vaticano II.

) . A busca do bem comum é outra das grandes metas da DSI. Seu fio condutor é que o bem comum está acima do individualismo, dos interesses de classe e dos rendimentos privados. Como interpretar isso diante dos ganhos exorbitantes de numerosas instituições financeiras, com suas megaoperações? Coexistem, uma ao lado da outra, a especulação crescente e sem qualquer escrúpulo e a exclusão social de amplos setores da população. Por outro lado, como explicar a existência de gigantescos latifúndios ao redor dos quais erram multidões famintas, sem terra, sem trabalho e sem moradia? Em termos mais concretos, particularmente no Brasil, como pensar numa verdadeira reforma agrária e agrícola que fortaleça o pequeno produtor, de maneira especial a agricultura familiar?

Numa perspectiva internacional, como controlar o fluxo e refluxo de capitais em defesa de políticas públicas que possam beneficiar as populações pobres e excluídas? De fato, a desregulação do capital constitui uma das causas da condição precária e oscilante de milhões e milhões de trabalhadores no mundo inteiro. Peregrinos que erram pelas estradas do planeta ao sabor das ondas de emprego e desemprego, ditadas pelas leis do mercado. Da mesma forma que o trabalho deve ter o primado sobre o capital, o bem comum deve ter a primazia sobre os lucros estratosféricos das corporações privadas. Basta comparar, por exemplo, os lucros das instituições financeiras nas últimas décadas com o poder aquisitivo do salário médio. A Igreja e a VRC, juntamente com outras instituições, movimentos e organizações de base, em sua missão de serviço, é chamada a defender esse princípio de que “sobre toda a propriedade privada pesa uma hipoteca social”.

) . A Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje, *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II (1965), e a carta encíclica *Populorum Progressio*, sobre o Desenvolvimento dos Povos (1967) – ambas sob a inspiração do Papa Paulo VI –, chamam a atenção à profunda discrepância entre crescimento econômico e desenvolvimento integral. Em outras palavras: por que os benefícios do progresso não são igualmente desfrutados por todos? Como entender que uma era de enormes avanços tecnológicos seja, ao mesmo tempo, uma era de tanta pobreza, miséria e fome? Como é possível que as máquinas possam, simultaneamente, multiplicar o volume de bens e o de deserdados e empobrecidos?

São perguntas que ainda pairam no ar, sem respostas concretas. Os governos nacionais, especialmente nos países periféricos, não conseguem combater os interesses do grande capital empresarial e financeiro. Pior ainda, muitas vezes comportam-se como seus cúmplices ou capatazes, esquecendo as necessidades básicas dos estratos mais pobres da população. Um programa de *políticas compensatórias* acaba sobrepondo-se a um plano de verdadeiras *políticas públicas*. Trata-se, no fundo, de uma *política de esmolas*, a qual, pensada em termos provisórios e temporários, termina por ser definitiva.

“O desenvolvimento é o novo nome da paz” – diz um dos subtítulos da *Populorum Progressio*. E, com efeito, muitos conflitos explodem devido à carência da população. Que paz pode almejar um pai de família desempregado? Ou um grupo de pessoas sem terra, sem casa e sem meios de conseguir o pão de cada dia? A verdadeira paz assenta-se sobre a justiça e o direito, o resto é retórica ou “paz de cemitério”. Assiste-se a uma privatização dos lucros, alinhada com uma socialização das perdas. Se as Igrejas, e em especial os institutos da VRC, devem ser instrumentos a serviço da justiça e da paz, devem igualmente empenhar-se por uma distribuição mais igualitária dos bens produzidos pelo conjunto do trabalho humano.

) . O protagonismo do Estado, no contexto das modernas democracias ocidentais, tem sido

uma das preocupações recorrentes no ensino social do Magistério católico e das missões religiosas. Questões como previdência social, saúde e educação públicas, abertura de novos postos de trabalho, garantia de direitos trabalhistas, transporte coletivo, segurança, déficit habitacional – entre tantas outras – devem estar na ordem do dia dos governos e autoridades responsáveis. A ideia do Estado de bem-estar ou do Estado providência encontra ressonância nos textos da DSI. Por outro lado, os documentos não se cansam de chamar a atenção para a demasiada intervenção do Estado, de forma a ferir e/ou neutralizar a autonomia das instituições da sociedade civil. Trata-se, neste caso, de salvar outro princípio do ensino social: o da subsidiaridade.

Conforme este último, o Estado não deve tomar sobre si as tarefas que podem ser realizadas pelas organizações ou iniciativas da sociedade civil. Nem, inversamente, jogar sobre os ombros das instituições privadas o peso de certos encargos que são de competência estatal. Cada instância deve dar conta de suas próprias tarefas, antes de apelar para uma instância superior ou sobrecarregar uma instância inferior. Mas a função primordial do Estado é de intermediar os interesses muitas vezes conflitantes de pessoas, grupos ou corporações, garantindo o maior bem-estar para o maior número de pessoas. Infelizmente, o que se vê é o Estado atrelado aos interesses das classes dominantes, através de alianças espúrias ou de mecanismos perversos de dominação. Prova disso, no Brasil, é a negligência dos últimos governos para com a urgência das reformas estruturais básicas, no sentido de destravar os nós de uma economia que privilegia o andar de cima da pirâmide social, deixando à deriva os habitantes do andar de baixo.

Daí a importância da voz da Igreja e da VRC, sempre em sinergia com outras forças sociais vivas e ativas, chamando a atenção para os direitos fundamentais da pessoa humana. É um serviço de defensora dos que não têm “vez nem voz”, como bem salientam os documentos do CELAM, com destaque para o Documento de Aparecida. Neste, os cristãos são convidados a ser discípulos missionários no empenho

pela justiça e à fraternidade, à paz e à solidariedade. Uma vez mais, tem sido decisiva a presença de numerosos religiosos e religiosas nos ambientes mais sórdidos e abjetos da sociedade. Com seus diversos rostos e carismas, procuram resgatar a dignidade da pessoa humana onde a vida se encontra mais ameaçada. Hoje, de maneira especial, na “sociedade do espetáculo” (Guy Debord), são chamados a lançar as sementes da Boa-Nova no solo úmido, frio e escuro, na esperança de uma futura colheita.

Conclusão

“Eu vim para servir.” Diante de uma sociedade permeada de contradições e injustiças, a Igreja e em especial as Congregações, as Ordens e os Institutos de Vida Consagrada são chamados a exercer seu poder simbólico a serviço da construção do Reino de Deus. Reino que exige uma constante atenção à chamada “questão social”, pois tem suas raízes aqui na história, embora sua forma definitiva se realize em outra esfera. A Igreja pode realizar esse serviço através de uma espiritualidade enraizada nos valores evangélicos, seguindo o exemplo do próprio Jesus Cristo em sua intimidade com o Pai; através de uma prática pastoral de testemunho e de compromisso sociopolítico, privilegiando a “opção preferencial pelos pobres”; através dos escritos variados do ensino social, denunciando as disparidades entre os diversos componentes da sociedade e, ao mesmo tempo, anunciando aos pobres a Boa-Nova do Evangelho; e através do testemunho dos Institutos de VRC.

Evidente que aqui estamos diante do ideal do cristão e da Igreja, sabendo de antemão que a realidade nem sempre lhe corresponde. “*Tra il dire e il fare in mezzo c'è il mare*”, diz um provérbio italiano (entre o dizer e o fazer, no meio existe o mar). De qualquer forma, o horizonte do ideal ajuda cada pessoa, cada comunidade, paróquia ou diocese, cada pastoral ou movimento, enfim, cada instituição eclesial a orientar seus projetos e seus passos no rumo certo. A CF/2015, com o tema *Fraternidade: Igreja e Sociedade*, visa fortalecer o

empenho e o serviço dos cristãos no sentido de aproximar cada vez mais o real do ideal. O “Verbo que se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14) constitui o farol para uma prática de serviço ao bem comum que possa ser uma luz em meio à “modernidade líquida” (Zygmunt Bauman).

A isso nos chama também a V Assembleia dos Bispos da América Latina e Caribe, no sentido de reavivar a missionariedade dos discípulos de Jesus (todos os batizados) no pano de fundo de um novo Pentecostes. No caso da VRC, o seguimento de Jesus, profeta itinerante da Galileia, vem exigindo uma série de reflexões autocríticas e extremamente férteis. De fato, não poucas Congregações e Institutos, hoje em dia, falam de renovação, refundação, redefinição, recriação... entre outros “R”. Trata-se de um processo às vezes doloroso, como todo nascimento ou crescimento. Uma verdadeira encruzilhada onde se faz necessário um parto para uma vida consagrada mais autêntica, pobre e despojada, casta e fecunda, livre e obediente. Redescoberta da “fidelidade criativa” aos respectivos carismas: por um lado, retornando às fontes primordiais para “beber do próprio poço” e, por outro, avançando para as novas fronteiras e desafios do contexto em que vivemos, “com os olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-2).

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Por que os evangelistas insistem que “Jesus ensinava como quem tem autoridade” (Mc 1,22)?
2. Chama a atenção a linguagem de Jesus profundamente sensível, comovida, maternal. Identifique no seu fundador/fundadora a linguagem sensível, comovida, maternal, paternal.
3. Os princípios ou fundamentos da Doutrina Social da Igreja (DSI) – ou do Ensino Social da Igreja – são como partículas que giram em torno de um único átomo: a dignidade da pessoa humana. Identifique a mesma linguagem nos documentos de sua congregação.

ALFREDO J. GONÇALVES*

O Ano da Vida Consagrada (AVC) nos propõe aprofundar a reflexão sobre o tema *A vida consagrada hoje*, sublinhando três palavras-chave (ou conceitos) da mesma: Evangelho, Profecia e Esperança. Cada uma delas chega aos ouvidos e soa ao coração de todo consagrado ou consagrada com uma carga histórica e um significado inexauríveis. Vale a pena deter-se um momento para ouvir, num silêncio reverente, solene e respeitoso, o que nos podem dizer diante dos desafios da sociedade contemporânea.

O Evangelho

Palavra de origem grega *euaggélion* que significa literalmente “boa-nova”. Expressão utilizada pelos autores neotestamentários para resumir o anúncio do Reino de Deus por parte de Jesus, o Galileu. A tônica de boa-nova (ou boa notícia) pode ser contrastada com a mensagem severa do precursor João Batista, profeta igualmente severo que vivia na solidão como “a voz que clama no deserto”. De fato, enquanto este último preconiza um juízo iminente como “um machado colocado na raiz da árvore”, o profeta de Nazaré, ao contrário, além de percorrer os povoados, aldeias e campos, caminhando inclusive entre publicanos, pecadores e marginalizados, acentua o amor, a misericórdia, a compaixão e o banquete do Reino.

Ambos se enquadram no contexto da longa expectativa judaica quanto à vinda do Messias. Ambos iniciam com o ritual do batismo nas águas do rio Jordão e ambos

* Alfredo J. Gonçalves, missionário de São Carlos (scalabriniano), nasceu em Portugal, Ilha da Madeira, e vive há mais de quarenta anos no Brasil. Foi diretor do Centro de Estudos Migratórios, em São Paulo, e durante cinco anos assessor do Setor Pastoral Social da CNBB. Atualmente exerce a função de vigário-geral de sua Congregação, em Roma.

profetizam a necessidade da conversão, pois “o Reino de Deus está próximo”. João, entretanto, aparece como uma figura séria e sisuda, ascética, na linha de alguns profetas do Antigo Testamento que pregam o julgamento do “Dia do Senhor”, ao passo que Jesus enfatiza a beleza do encontro ou reencontro com Deus, que ele chama de *Abbá* (= Papai), o qual jamais fecha a porta quando alguém bate, jamais volta as costas quando alguém busca sua face. “Jamais se cansa de perdoar, somos nós que nos cansamos de pedir perdão”, diz o Papa Francisco.

É nas parábolas do Reino, porém, que transparece o sentido mais profundo da Boa-Nova. São histórias exemplares e pontuais, em geral curtas, revestidas de palavras ao mesmo tempo simples e profundas, iluminados pela alegria de quem descobre um tesouro. Não qualquer tesouro, que possa ser equiparado a outros, e sim a pérola mais preciosa que alguém seja capaz de imaginar. Tanto que, por esse tesouro, a pessoa se dispõe a abandonar tudo, mudar radicalmente a vida, seguir os passos do Mestre e jogar-se inteiro e confiante nas mãos do Pai. Ou seja, além de “nova” no sentido de inédita, surpreendente e imprevisível, a notícia é “boa”, inigualável, vem embalada na bondade infinita do Pai, o que traz serenidade e paz profundas.

A noção de “boa notícia” entra também em contraste com o ensinamento dos saduceus, dos escribas e dos fariseus. Estes, de fato, haviam transformado a antiga aliança em uma “má notícia”, que penalizava de forma particular os pobres, os doentes e os pecadores – três termos não raro sinônimos nos relatos evangélicos. Tendo deixado “a lei e os profetas” fossilizar-se, as autoridades judaicas excluía da religião e da sociedade os que viviam à margem de seus rígidos preceitos, verdadeiros fardos “que eles mesmos não levantavam sequer com um dedo”, acusa o profeta de Nazaré. Diferentemente deles, atestam os evangelistas, “Jesus falava como quem possui autoridade”. De onde lhe vinha semelhante autoridade? Até mesmo uma leitura superficial dos quatro Evangelhos demonstra que o “hebreu marginal” (J. P. Meier) sabia estabelecer uma ponte ou uma escada entre o

coração misericordioso do Pai, por um lado, e a alma aflita e sedenta do povo, por outro.

Mas onde brilha com mais força a concepção de “boa-nova” do Reino é, sem dúvida, na parábola do Filho Pródigo (ou do Pai Misericordioso). O confronto aqui contrapõe o filho mais velho, rigoroso observante da lei e obediente até a subserviência, e o filho mais novo, que havia esbanjado sua parte da herança numa vida desregrada e mundana. A acolhida e a grandiosa festa que o Pai concede a este último, quando do seu regresso à casa, ultrapassam todas as medidas e todos os critérios da razão humana. Não existem preconceitos, discriminação ou limites para entrar na Casa do Pai. O banquete e a alegria se justificam e se tornam ainda mais eloquentes porque “esse teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e voltou a se encontrar”.

No seguimento de Jesus, e levando em consideração o Ano da Vida Consagrada, cabem algumas perguntas dirigidas a todas as pessoas consagradas: até que ponto, nos dias de hoje, eles e elas constituem (ou não) motivo de alegria, de festa, de “boa notícia” para os pobres e excluídos, os mais pequenos e abandonados? Sua vida, palavras e obras constituem um testemunho que convida ao encontro ou reencontro com o Deus de Jesus Cristo? Em que medida as estruturas atuais dos Institutos Consagrados permitem (ou não) vivenciar com alegria e profundidade a pobreza, a obediência e a castidade? Os três votos ou exigências evangélicas são tidos apenas (e tristemente) como um “não” de renúncia ou, de forma predominante, como um “sim” de quem descobriu o verdadeiro tesouro, o significado mais profundo e real da existência? No interior das comunidades religiosas consagradas – hoje, aqui e agora – respira-se um oxigênio puro e libertador ou, inversamente, prevalecem olhares oblíquos, palavras feitas facas afiadas e silêncios envenenados? Por trás dessas questões – e de tantas outras – não se escondem os motivos da tão alardeada crise da Vida Religiosa Consagrada (VRC)?

Ainda que veloz e superficial, uma retrospectiva sobre os escritos veterotestamentários, com destaque para os textos do movimento profético, põe em relevo três dimensões da profecia no Antigo Testamento: um “lembra-te”, uma denúncia e um anúncio. O “lembra-te” reporta-nos à experiência fundante do Povo de Israel, de maneira particular aos livros do Êxodo e do Deuteronômio. Tendo presente na memória o fato de ter sido escravo na terra do Egito, sob as garras da tirania do Faraó, e tendo sido resgatado por Deus e por ele conduzido à Terra Prometida, esse mesmo povo não pode submeter à escravidão nem os seus próprios irmãos hebreus, nem o estrangeiro que vive ao seu lado (Dt 5,15; 15,15; 24,18).

Os profetas, mais que revolucionários inovadores, buscam legitimar sua mensagem na herança dessa experiência que deu origem a Israel como povo da aliança. O chamado “credo histórico” em suas várias versões (por exemplo, Ex 3,7-10; Dt 26,5-10) constitui uma base sólida para resgatar, ao mesmo tempo, os princípios da aliança e da promessa de Deus a seu povo, reproduzindo-os diante dos novos desafios no contexto da monarquia e do exílio. No movimento profético e pela boca de seus mensageiros, fala o mesmo Deus que *viu* a miséria dos escravos no Egito, *ouviu* seu clamor, *conheceu* seu sofrimento e *desceu* para libertá-lo. Os verbos ver, ouvir, conhecer e descer – ilustrativos de uma espiritualidade que experimentou um Deus atento, sensível e solidário à situação dos pobres e excluídos – colocam-se agora decisivamente em defesa “do órfão, da viúva e do estrangeiro”.

Dessa solicitude experimentada na espiritualidade do processo de escravidão-êxodo-deserto, vem a denúncia como segunda dimensão da profecia. O profeta se faz duplamente porta-voz: por uma parte, representa o clamor daquele que, devido à opressão, permanece reduzido ao silêncio. Silenciado e silencioso, apela ao enviado de Deus pedindo-lhe socorro e clemência. Por outra parte, o profeta representa

também a presença e a palavra viva e vibrante do Deus invisível. Deus que, como em Amós e Miqueias, respectivamente, se compadece dos pobres que “são vendidos por um par de sandálias” ou “esfolados, descarnados e devorados como carne de panela”. Ainda de acordo com o Livro de Miqueias, os chefes de Jacó e os governantes da casa de Israel “esqueceram o direito e a justiça” (capítulo 3). O profeta transita entre o cenário onde o povo sofre, geme e grita e o coração de um Deus que olha com predileção os oprimidos de todas as tiranias e todos os tiranos. O Deus da aliança e da promessa é igualmente o Deus que clama por justiça e paz!

A partir do “lembra-te” e da denúncia, a profecia desdobra-se naturalmente em uma terceira dimensão, a do anúncio. Como vemos no “credo histórico”, além de ver, ouvir e conhecer a situação do povo, Deus desce para libertá-lo e conduzi-lo à Terra Prometida. Todo anúncio profético tem como fonte originária essa experiência libertadora, por um lado, e a aliança/promessa, por outro. A caminhada do Povo de Israel através dos caminhos do êxodo, do deserto e do exílio significa um processo que vai da escravidão à liberdade. Processo que deverá adquirir sua plenitude no mistério da encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus, quando o Verbo de Deus se faz carne e arma sua tenda entre nós, desce definitivamente ao encontro de cada ser humano e de toda a humanidade. Do ponto de vista teológico, verifica-se então a passagem da morte para a vida, das trevas para a luz. Os profetas preanunciam a plena retaliação da aliança e da promessa, seja na “Nova Jerusalém” (Is 65,17ss), seja na “Jerusalém Celeste”, onde “não mais haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor” (Ap 21,1-8).

Também neste caso cabem algumas interrogações relativas à VRC. Em que medida a noção do “lembra-te” nos reporta hoje não somente à experiência fundante do Povo de Israel e à prática de Jesus, mas também à inspiração do fundador ou da fundadora? Esse “lembra-te” segue nos questionando e interpelando diante dos desafios do mundo de hoje, tanto em termos pessoais quanto comunitários e institucionais? Até que ponto o conforto e o comodismo

da sociedade contemporânea atenuam e neutralizam a veemência da profecia diante das injustiças e desequilíbrios socioeconômicos? Ou tendemos a “naturalizar” o abismo entre pobres e ricos, vendo-o como “natural”? No que diz respeito ao anúncio, quantas vezes nossas palavras e discursos proféticos perdem qualquer força se e quando comparados ao comportamento diário!

“*Tra ir dire e il fare c'è in mezzo il mare*” (entre o dizer e o fazer, no meio existe o mar), diz um provérbio italiano. Vale perguntar se não será essa distância entre a pregação e o testemunho um dos principais fatores de crise! E com maior razão da falta de vocações e de entusiasmo juvenil! Sabemos que na fonte a água é mais cristalina. Talvez o maior desafio da VRC hoje seja o de resgatar a intuição do fundador ou da fundadora, no seguimento de Jesus Cristo, buscando aí o oxigênio primaveril que pode fazer de nossa vida uma “boa-nova” para os pobres. A comunidade religiosa, bem como o testemunho concreto de cada consagrado, se levados a sério e vivenciados em profundidade, pode sim transformar-se em sangue novo num organismo socioeconômico e político-cultural que caminha a passos largos para o ocaso.

A Esperança

Na sociedade contemporânea – moderna, tardo-moderna ou pós-moderna – a esperança sofreu um reducionismo de proporções espantosas. Ao invés de ter os olhos fixos no horizonte de um plano articulado e de longa visão, limita-se a responder às expectativas imediatas e imediatamente à mão. Em lugar de uma utopia que questiona, interpela e conduz a uma ação sociopastoral transformadora, impõe-se a busca febril e frenética de respostas aos problemas imediatos. A projeção do futuro cedeu lugar ao desejo imperioso e ilimitado do presente. Paradoxalmente, uma sede de novidades sem precedentes, se possível a cada hora ou a cada dia, nos mantém prisioneiros do aqui e agora. Ao invés de empreender todos os esforços para voar, tornamo-nos

pássaros passivos e domesticados de uma gaiola confortável e bem nutrida. Águias com medo de aventurar-se em voos mais altos e ousados, ou “pescadores de homens” que têm coragem de “avançar para águas mais profundas” (Lc 5,4).

A expectativa de novidades diárias, pelo seu brilho e excesso, banalizou a própria esperança. O conceito de esperar reduziu-se a aguardar o próximo ônibus, táxi, trem ou avião; a próxima moda de roupa, de calçado ou de penteado; o próximo modelo de celular, de relógio ou de televisor; o último lançamento de notebook, a marca da onda ou o carro do ano, os equipamentos mais sofisticados de conforto e segurança... e assim por diante. A esperança tornou-se pequena, demasiadamente pequena, adaptando-se aos contornos do mercado de consumo. Tão estreita a ponto de ver-se guiada, em última instância, pela propaganda, publicidade, marketing. Perdeu pés e asas, perdeu a faculdade de sonhar! Também a liberdade, em lugar de um projeto sério e responsável para o futuro, reduziu-se à “livre escolha” entre a multidão de objetos à mão. Uma espera materializada e coisificada que fecha o horizonte da verdadeira esperança.

Tornamo-nos como crianças contaminadas desde o berço pelo vírus da chamada pós-modernidade. No Natal, elas aguardam ansiosamente o presente do Papai Noel, sem dar-se conta de que o Menino que acaba de nascer na manjedoura, embora meio escanteado e envergonhado nas lojas dos shoppings centers, também é portador de um presente. Enquanto o fascínio do velhinho de barbas e cabelos brancos faz perder a cabeça por algo precíval e descartável, como o são todos os objetos, a estrela sobre o presépio indica algo insuperavelmente mais grandioso, cheio de brilho e eterno. Contentamo-nos com uma satisfação que nos mantém entretidos por alguns dias (ou horas), deixando de lado a “boa-nova” que é a razão mesma da existência, o sentido da vida em plenitude.

O empenho pela construção de uma nova sociedade – ideal e esperança de décadas passadas – converteu-se na absoluta necessidade de acompanhar a vertiginosa rapidez com que novos produtos entram no palco sob a mira dos

microfones, holofotes e câmeras, batem insistentemente à porta, ou melhor, são oferecidos na tela da TV e na “teli-nha” do celular. A noção de esperar tornou-se praticamente sinônimo de comprar, o que aprisiona a esperança nos limites ou possibilidades do bolso, do salário ou do cartão de crédito. Por outro lado, na medida em que os produtos encontram-se expostos na vitrine, profusamente iluminados e atraentes, a esperança converte-se em desilusão para quem não dispõe dos recursos necessários. São tantos e tão variados os apelos que colocam a esperança ao alcance da mão que o fato de não poder adquiri-los, aos poucos, mata a própria esperança. Ou então, no fim da linha, engendra a rebeldia, o roubo e a violência.

A tal ponto reduziu-se a concepção cotidiana da espera que, na correria e na agitação do dia a dia, perdeu-se o sentido de “esperar contra toda esperança” (Rm 4,18). A ânsia do curto prazo, da realização pronta e instantânea dos instintos e desejos – até mesmo ou especialmente os mais supérfluos – atropela a busca lenta e paciente do longo prazo. Não há tempo a perder. Os imperativos do presente não deixam espaço para arquitetar um projeto que pode e deve ser construído sólida e solidariamente, passo a passo, tijolo a tijolo, mão a mão. O império da aquisição imediata do prazer pelo prazer (hedonismo) traz embutido o império do efêmero e, em grau ainda mais preocupante, o império do descartável. Com isso, em lugar de relações humanas firmes e duradouras, tendem a prevalecer os laços e vínculos provisórios, momentâneos, “líquidos” – e igualmente efêmeros e descartáveis.

Evidente que as pessoas e comunidades da VRC não estão imunes a essa quadro tentador de uma espera que tende a diminuir o horizonte da esperança evangélica. A utopia como que se transfigura em melhorar o próprio bem-estar, o conforto pessoal e comunitário, quando não no mero acúmulo de bens materiais e patrimoniais para o Instituto. Neste caso, todas as justificativas são válidas! Entra em cena o individualismo, o egoísmo e o egocentrismo (e quantos outros “ismos”) exacerbados da sociedade contemporânea,

os quais, da mesma forma que atravessam e impregnam os relacionamentos *ad extra*, configuram também as relações interpessoais e comunitárias *ad intra*. A profissão dos votos, por mais preparada, sincera e refletida, não isenta os consagrados dos apelos e tentações que os cercam. Pelo contrário, a proibição tácita ou explícita pode torná-los ainda mais cobiçados.

Aqui, como nos itens anteriores, cabem algumas perguntas: num mundo voltado para a busca do prazer imediato, como resgatar o sentido dos votos perpétuos? No cenário de laços transitórios, virtuais e descartáveis, qual o sentido de uma dedicação envolvendo a existência humana como um todo? Diante da vitrine iluminada e atraente do “aqui e agora”, como projetar a esperança no futuro através da missão entre os pobres e do envolvimento destes como protagonistas da própria libertação? Como acreditar que o Reino tem suas raízes nos porões e periferias das metrópoles buliçosas e cheias de ruídos ou nos longínquos grotões? É possível superar o imperativo da satisfação presente, em vista de um amanhã a ser recriado, vale dizer, em vista da utopia cristã escatológica? Contra a espera do imediatismo, podemos ainda conferir novo significado à noção de “esperar contra toda esperança”?

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Até que ponto, nos dias de hoje, os religiosos e as religiosas constituem (ou não) motivo de alegria, de festa, de “boa notícia” para os pobres e excluídos, os mais pequenos e abandonados?
2. Em que medida as estruturas atuais dos institutos consagrados permitem (ou não) vivenciar com alegria e profundidade a pobreza, a obediência e a castidade?
3. No interior das comunidades religiosas consagradas – hoje, aqui e agora – respira-se um oxigênio puro e libertador, ou, inversamente, prevalecem olhares oblíquos, palavras feitas facas afiadas e silêncios envenenados?

Reflexões sobre as relações humanas na terceira idade

APARECIDA DONIZETE MACHADO*

“A soma da nossa vida é de setenta anos, os mais fortes chegam aos oitenta; mas a maior parte deles é fadiga e dor; passam depressa e nós desaparecemos.”¹

A vida humana é marcada por chegadas e partidas. Cumpre-nos partir para dar espaço àqueles e àquelas que chegam. Assim pensando, podemos intuir que o envelhecimento faz parte do desenvolvimento da pessoa, porquanto desde que nascemos estamos neste processo, a se saber que hoje somos mais velhos que ontem, e assim numa sucessão de dias vamos fazendo caminho, pois a vida é progressiva. Portanto, hoje o que chamamos de terceira idade, velhice ou senilidade, nada mais é que continuidade de nosso processo de desenvolvimento.

O ser humano possui em si a capacidade de adaptar-se às mudanças externas e internas, apreendendo o que passa ao seu redor e dentro de si mesmo, reformulando valores, sofrendo as influências do meio, reagindo e cultivando o seu direito de discernimento, enfrentando a realidade e cooperando com ela, intuindo as perdas e os ganhos, chegamos à etapa de nossa vida, chamada velhice.

Para alguns, essa etapa de seu desenvolvimento é vivida com leveza e jovialidade, passando despercebido o acúmulo dos anos. Para outros, no entanto, os anos são um fardo pesado, que os impossibilita de demonstrar qualquer alegria ou contentamento. Assim sendo podemos encontrar pessoas de idades cronológicas idênticas, mas com a maneira de ver e viver a vida totalmente diferentes. Daí se conclui que “as diferenças se explicam a partir da dinâmica que cada qual imprime à sua vida”.²

* Aparecida Donizete Machado, religiosa do Instituto das Irmãs Missionárias da Sagrada Família, é graduada em Psicologia, pelas Faculdades Integradas Maria Thereza de Niterói, RJ, e pós-graduanda em Liturgia, Ciência e Cultura pela PUC/SP.

1 Salmo 90(89),10.

2 CRESTANI, Alfredo. A longevidade e o senso de valia. *Convergência*, n. 458, p. 73-85, jan.-fev. 2013.

O estudo que ora faremos tem o objetivo de refletir alguns aspectos da vida humana ligadas ao desenvolvimento e às suas implicações nas relações humanas com enfoque na velhice.

O ser humano como ser integral

A integralidade da pessoa humana deverá abranger todo o seu ser que é físico, social, emocional, intelectual, volitivo, moral, religioso e espiritual, numa unidade íntima, como parte integrante de um todo. É o campo vital em interação dinâmica.³ Para um envelhecimento saudável e uma longevidade sadia é preciso nos atentar a cada uma dessas partes. Lembremos o que diz o Guia para a Pastoral da Saúde da América Latina e o Caribe: “Saúde é um processo harmonioso de bem-estar físico, psíquico, social e espiritual, e não apenas a ausência de doença, processo que capacita o ser humano a cumprir a missão que Deus lhe destinou, de acordo com a etapa”.

Como acima explicitado, para viver mais e melhor precisamos estar atentos a quantas anda o nosso desenvolvimento em cada uma das partes que compõem o nosso ser:

– *Corpo*, é necessário que a pessoa idosa procure conservar suas energias, pois é difícil renová-las, e cuidar do corpo; moderando o ritmo geral coincide com a lentidão geral do metabolismo. Aqui há que se estar atento: à alimentação, ao sono, à higiene, a atividades físicas apropriadas, à psicomotricidade, aos sentidos: visão, audição, paladar, olfato e tato, sexualidade, menopausa, andropausa, modificações fisiológicas e funcionais.

– *Relações*, creio estar aqui uma das partes mais complexas de se trabalhar, pois elas envolvem a interação e as relações da pessoa idosa com: a família (ou instituição religiosa), os atritos geracionais, o trabalho – a aposentadoria, a sociedade, as políticas sociais, o lazer, o poder social. “Sabemos que todo ser humano é um ser sociável, incapaz de viver isolado. Quando ele está bem consigo mesmo, torna-se um gerador de bem-estar ao redor de si, em qualquer

idade.³ Como bem nos afirmou o Papa João Paulo II, em sua carta para os anciãos, e enfatiza o Papa Francisco, no documento Evangelho da Alegria:

Os anciãos ajudam a contemplar os acontecimentos terrenos com mais sabedoria, porque as vicissitudes os tornaram mais experimentados e amadurecidos. Eles são guardiões da memória coletiva e, por isso, intérpretes privilegiados daquele conjunto de ideais e valores humanos que mantêm e guiam a convivência social. Excluí-los é como rejeitar o passado, onde penetram as raízes do presente, em nome de uma modernidade sem memória. Os anciãos, graças à sua experiência amadurecida, são capazes de propor aos jovens conselhos e ensinamentos preciosos. Sob esta luz, os aspectos de fragilidade humana, ligados de modo mais visível com a velhice, tornam-se uma chamada à interdependência e à necessária solidariedade que ligam entre si as gerações, visto que cada pessoa está necessitada da outra e se enriquece dos dons e dos carismas de todos.⁵

[...] é conveniente ouvir os jovens e os idosos. Tanto uns como outros são a esperança dos povos. Os idosos fornecem a memória e a sabedoria da experiência, que convida a não repetir tontamente os mesmos erros do passado. Os jovens chamam-nos a despertar e a aumentar a esperança, porque trazem consigo as novas tendências da humanidade e abrem-nos ao futuro, de modo que não fiquemos encalhados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida no mundo atual.⁶

— “...”, há uma estreita relação entre os traços de personalidade do passado e do presente, notadamente no que se refere a dependência, agressividade e depressão. Assim como são uma constante o temperamento, as ideias de si próprio, dos outros e do mundo, e o grau de satisfação com a vida. Neste ponto devemos ter um olhar atento para os medos da morte, solidão, invalidez e das doenças, que causam uma tensão emocional que corrói e mina o entusiasmo e a vontade de viver. Também ao contrário, a autoestima cultivada predisporá a pessoa idosa a ter relações interpessoais sadias e ricas, e relações afetivas benéficas.

3 NOVELLO, Fernanda Parolari. *Idade da sabedoria: como viver uma velhice sã e serena*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

4 Ibid.

5 JOÃO PAULO II. *Carta aos anciãos*. 1º de outubro de 1999. Disponível em: <http://www.vatican.va>. Acesso em: 14/10/2014.

6 FRANCISCO. *Exortação apostólica do Sumo Pontífice A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

Relações leves e joviais são excelentes indicadores de bem-estar, de saúde mental e de maturidade.⁷

— “...”, o nível mental da pessoa idosa tende a manter-se com os anos, porém, em sua capacidade intelectual, poderá vir a apresentar um déficit de memória e fixação. Para adiar ou retardar esse processo é importante manter-se intelectualmente ativo com leituras de livros, jornais e outros, que contribuem para enriquecer a comunicação e as relações sociais e afetivas, assim como a nossa capacidade de adaptação. “A madura sabedoria tem consciência do que se passa quanto ao rendimento intelectual, e, quando mantida em atividade, a inteligência do idoso torna-se mais aguda e seletiva.”⁸

— “...”, saber querer de acordo com as possibilidades e as circunstâncias, aceitando e adaptando-se às modificações que serão impostas pela própria vida, sem relutância e revolta. Cultivar uma vontade forte para enfrentar as dificuldades que surgirem com as situações novas, resolvendo com serenidade e firmeza os problemas que o afetam diretamente, ao que chamamos resiliência.

— “...”, há uma significativa diferença entre os valores dos idosos e das novas gerações. D’Artagnan ressalta que na Vida Religiosa Consagrada isso se aprofunda, uma vez que:

Os religiosos idosos aprenderam, em seu tempo de formação – a maioria em período pré-conciliar – que a regularidade de horários, participação nos momentos de oração, presença nas refeições comunitárias, tempo de oração pessoal, entre outros, era parâmetro para definir um religioso fiel e comprometido, enquanto, para os religiosos adultos e jovens de hoje, o critério mais importante costuma ser o envolvimento com atividades apostólicas e a contribuição dada à Congregação, à Igreja e ao mundo. Quando essas divergências não são trabalhadas, perpetuam-se posturas intransigentes de parte a parte. Há, portanto, de se fazer sempre a distinção entre a moral e seus princípios ético-humanísticos e a moralidade.⁹

7 CRESTANI, Alfredo. A longevidade e o senso de valia, op. cit., p. 73-85.

8 NOVELLO, *Idade da sabedoria*, op. cit.

9 D’ARTAGNAN, Eder. O processo de envelhecimento na Vida Religiosa Consa-

• *Religiosidade* – a religiosidade é inerente à condição humana, e de maneira especial faz sentido para nós que fizemos opção pela Vida Religiosa Consagrada. Pois a fé eleva o ser humano, conforta-o, dá-lhe forças para enfrentar as vicissitudes diárias. Este é o tempo de “purificar” a fé, de um encontro mais pessoal com Deus através da oração. É tempo de reaprender de Maria o guardar e meditar em nosso interior os acontecimentos, e entre eles o fato de se ter chegado a ancianidade.

A velhice, à luz do ensinamento e na própria Bíblia, apresenta-se como “tempo favorável” para levar a bom termo a aventura humana, e faz parte do desígnio divino a respeito de cada homem como tempo no qual tudo converge, para que ele possa compreender melhor o sentido da vida e alcançar a “sabedoria do coração”. “Velhice honrada não consiste em ter vida longa, nem é medida pelo número de anos. Os cabelos brancos do homem valem pela sua sabedoria, e a velhice pela sua vida sem manchas” (Sb 4,8-9). A velhice constitui a etapa definitiva da maturidade humana e é expressão da bênção divina.¹⁰

– *Cultivar a espiritualidade* é outro fator que dá sabor à vida e às relações. É ingrediente fecundo para encontrar soluções diante dos achaques da idade, da retirada do trabalho sistemático e de ter de deixar responsabilidades antes exercidas. Desse modo, a espiritualidade cultivada no cotidiano é luz e força para intuir e encontrar soluções diante dos desafios e imprevistos que a vida reserva. Uma espiritualidade fecunda nos conduzirá a uma atitude de abandono, consequência de fé e confiança no Deus da vida, o que implica desprendimento contínuo. Até o ponto de refletir e rezar a própria finitude, com a leveza de quem bem viveu e vive até o presente momento.

Mas, se a existência de cada um de nós é tão limitada e frágil, conforta-nos o pensamento que, graças à alma espiritual, sobrevivemos à morte. A fé oferece-nos uma “esperança que não confunde”. A existência humana, apesar de sujeita ao tempo, é colocada por Cristo no horizonte da imortalidade. Ele “fez-se

10 JOÃO PAULO II.
Carta aos anciãos,
op. cit.

homem entre os homens, para reunir o fim com o princípio, isto é, o homem com Deus”.¹¹

Alguns mecanismos de desajustamento

Quando falamos em relação temos sempre de nos autoanalisar, fazer crítica construtiva e saudável de nossas reações ante o envelhecimento. Embora os desajustes existam, eles só se tornam problema quando exagerados. Por isso, vamos pensar no envelhecimento e em suas fases.

D’Artagnan nos esclarece que a primeira fase do envelhecimento acontece para os religiosos e religiosas de sessenta anos; aqui não se percebem mudanças significativas, pois no geral continuam em plena atividade. Na segunda fase, de setenta anos acima, há uma tendência de afastar esses mesmos religiosos das funções executivas e dos espaços de deliberação da Congregação. Neste período é que acontecem os desajustes que, se não cuidados, podem se tornar problema tanto para a pessoa idosa quanto para a Congregação. Por isso agora passaremos a nomear alguns possíveis desajustes:

- *Reação agressiva* – por motivos banais e pequenos contratempos, o idoso pode reagir de maneira ofensiva, agressiva e hostil em relação às pessoas. Isso geralmente é causado por medo, insegurança ante a nova realidade que está e não quer assumir. Não conseguir atingir seus objetivos, ou mesmo o fato de ter sido afastado dos cargos antes ocupados se transformam em agressividade. O caminho contrário da reação agressiva é o *autocontrole*.
- *Atitude ranzinza* – é adotada pelos idosos que não perdem a oportunidade de contradizer tudo. Reclamam do jeito de colocar a flor na capela, da comida, se está frio ou se está calor. Ai de alguém que sentar em seu lugar na mesa! E por aí vai... Esta é uma atitude de pessoas descrentes e que se fixaram no passado: tudo era melhor do que é hoje. Para combater essa atitude

11 Ibid.

ranzinza é preciso *acolher com serenidade as mudanças* que são próprias da vida e do tempo.

- *Manifestações egoístas* – são próprias daquele idoso que desenvolveu um “eu” e ignora o “nós”; assim, só quer receber, tudo é sempre pouco. Avarento, gosta de acumular coisas: imagens, cartões, papéis de maneira geral... a justificativa quase sempre é “e se eu precisar”. A insegurança e o sentimento de fragilidade levam-nos a essas manifestações. O *altruísmo* é o caminho para quem quer deixar de lado as manifestações egoístas.
- *Tendência à depressão* – é própria daqueles idosos que se debatem diante dos acontecimentos, sentem-se sem energias, sem vontade. Cultiva um frequente sentimento de culpa por algo que fez no passado. Aborrecido, não aguenta mais a vida. Muitos religiosos, ao serem afastados de suas funções, especialmente aquelas ligadas ao poder, veem isso como um descarte, um atestado de nulidade, e entram num processo de inatividade, entregues ao tédio e ao desânimo. Para vencer a tendência depressiva é preciso *cultivar a autoconfiança*.
- *Hipocondria* – é característica do idoso que nutre o desejo de sofrer. Tem todas as doenças possíveis e nenhum médico consegue acertar com ele. Faz chantagem emocional e não percebe que causa cansaço nos que estão a sua volta com suas lamúrias. Está sempre buscando chamar a atenção sobre si. Para livrar-se da hipocondria é preciso *ser realista, objetivo e verdadeiro*.
- *Dependência* – aqui não falamos de uma dependência que de fato possa ocorrer, mas daquele exagero que leva a pessoa a não mais querer responder por suas atitudes, descompromissando-se. Quer sempre atenção e chega a ser exigente e sugadora, a ponto de interferir na vida da comunidade. Para sair da dependência exagerada é preciso que o idoso continue a *assumir aquelas responsabilidades próprias da vida e de sua fase*, tendo ainda iniciativas.

Outros sintomas de desajuste que podem aparecer nesta fase da vida são: ausências, ciúme, conformismo, temor,

pessimismo e supervalorização. Todos esses desajustes causam sérios problemas na comunidade e conseqüentemente nas relações entre irmãos e irmãs, especialmente causam sérios conflitos intergeracionais.

Princípios para o desenvolvimento relacional saudável

O ser humano é um ser de relação, primeiro consigo mesmo (intrapessoal), depois com o outro: família, sociedade, instituição etc. (interpessoal); e por fim, com o próprio Deus (transpessoal).

Passemos então a alguns princípios que podem fazer a diferença nesta fase específica, mas não só nesta, pois as relações são e serão uma constante na dinâmica da vida:

1. *Autoconhecimento* – o conhecimento de si, de nossa fase de desenvolvimento, saber em que ponto estamos, é a base de todo sucesso, e o desconhecimento é o início do fracasso, do desânimo, da frustração. Ele é indispensável para a convivência humana. Quanto mais nos conhecemos, tanto mais teremos possibilidade de realizar-nos e realizar o outro. A chave para o autêntico conhecimento é o amor. Deus nos diz: “Eu te conheço pelo nome”. Ele penetra todo o nosso ser, sabe a nossa história, compreende os nossos desânimos e os nossos entusiasmos.
2. *Aprendizado* – não estamos prontos, o aprendizado em equipe, em comunidade, propiciará a mudança, a inovação, a transformação, assim como o comprometimento e o empreendedorismo.
3. *Pensamento sistêmico* – na busca de compreensão da complexidade da realidade atual e a integração do passado-presente-futuro.
4. *Senso de valia pessoal* – mais relacionado ao ser do que ao ter ou fazer. Quem é não tem necessidade de provar nada a ninguém.

5. *Resiliência* – como força propulsora da transformação das adversidades em oportunidades, rompendo pensamentos cristalizados e doentios, revitalizando, assim, as relações humanas dentro e fora da Instituição.
6. *Diálogo e colaboração criativa* – numa visão compartilhada, desenvolvendo a capacidade reflexiva, interativa, ética e solidária.
7. *Respeito à diversidade do outro* – o outro exige de nós a capacidade de “adorar” o seu mistério. Não violentar a porta do coração, esperar fora da porta até que o outro, vencido pela persistência do amor, se abra e o deixe entrar. “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo.”
8. *Cultivar a intimidade* – enquanto capacidade de comunicação interpessoal, partilhando elementos de sua intimidade, tais como: gostos, interesses, ideais, projetos e valores, que conquistou e aqueles que ainda pretende conquistar e testemunhar na vida.
9. *Ser e continuar a ser fecundo(a)* – ter a consciência de que gastou a vida a serviço e em prol da missão evangélica, e aqui João Paulo II alerta-nos que: “Em todas as idades, o Senhor pede a cada um para fazer render os próprios talentos. O serviço ao Evangelho não é questão de idade!”¹² Portanto, embora a velhice chegue precisamos continuar a produzir vida ao nosso redor, o que irá nos exigir criatividade e abertura ao novo de Deus.
10. *Não construir muros* – situações não resolvidas criam, inevitavelmente, barreiras sempre maiores e aumenta a distância. Não espere que os outros o desarmem; desarme-se primeiro e ninguém ousará atacá-lo.
11. *Não cansar-se de comunicar* – quem ama não se cansa de repetir o que julga importante ou prioritário. Não se deixar desestimular no bem pelos insucessos e fracassos que podemos notar ao nosso redor. Comunicar com amor para recolher o amor.
12. *Não desanimar* – existem pessoas que têm forte tendência para desanimar os outros. Em tudo sabem ver o

12 Ibid.

negativo, frisam os erros sem parar. Qualquer oportunidade se apresenta para queixar-se de tudo, de todos. A nossa tarefa é dar força e coragem. Ser sempre presença que abre caminho e nunca barreira que fecha estradas.

13. *Aprender a cuidar de si* – em todas as dimensões já relacionadas.
14. *Ser proativo* – Não peça o que pode fazer sozinho(a). “Não vim para ser servido, mas para servir.”
15. *Integridade* – é tempo de o ser humano refletir, rever sua vida, o que fez, o que deixou de fazer. Pensar principalmente em termos de ordem e significado de suas realizações. Essa retrospectiva pode ser vivenciada de maneira negativa ou positiva. Quem vive esse momento de forma negativa pode simplesmente entrar em desespero ao ver a morte se aproximando. Surge um sentimento de que o tempo acabou, que agora só resta o fim de tudo, que nada mais pode fazer pela sociedade, pela família, por nada. São aquelas pessoas que vivem em eterna nostalgia e tristeza por sua velhice. Quem vive positivamente, tem a sensação de dever cumprido, experimenta o sentimento de dignidade e integridade, e divide sua experiência e sabedoria.

O Salmo 92(91), como querendo sintetizar os brilhantes testemunhos dos anciãos que encontramos na Bíblia, proclama: “O justo florescerá como a palmeira, erguer-se-á como os cedros do Líbano. [...] Na velhice darão frutos, conservarão a sua seiva e seu frescor, para anunciar quão é justo o Senhor”. O apóstolo Paulo escreve a Tito: “Os anciãos devem ser sóbrios, graves, prudentes, firmes na fé, na caridade e na paciência. Do mesmo modo, as anciãs devem mostrar no seu exterior uma compostura santa.”¹³

Qual o lugar e a missão do religioso idoso

O lugar mais natural para viver a condição de ancianidade continua a ser aquele ambiente onde ele é “de casa”, entre parentes,

13 Ibid.

conhecidos e amigos, e onde pode prestar ainda algum serviço. Na medida em que, com o aumento da vida média, cresce a faixa dos anciãos, será sempre mais urgente promover esta cultura de uma ancianidade acolhida e valorizada, não marginalizada. O ideal é que o ancião fique na família, com a garantia de ajudas sociais eficazes, relativamente às necessidades crescentes que supõem a idade ou a doença. Existem, porém, situações em que as próprias circunstâncias aconselham ou exigem o ingresso em “Lares de terceira idade” a fim de que o ancião possa gozar da companhia de outras pessoas e usufruir de uma assistência especializada.¹⁴

A partir do trecho acima descrito podemos supor dois caminhos ou lugares para os nossos religiosos idosos. O primeiro lugar seria a própria comunidade onde mais viveu, pois embora nossa vida seja pautada pela itinerância, com o passar dos anos, o processo adaptativo se torna mais difícil, e missões de cunho muito diferenciado do que sempre fizeram durante a vida na instituição pode se tornar um sério motivo de desajuste. Daí se investir naquelas potencialidades que o religioso ainda pode disponibilizar para o bem da Igreja e do carisma congregacional.

O outro lugar, bem mais polêmico, são as comunidades dos religiosos idosos que muitas congregações hoje mantêm. Se de um lado vemos o cuidado, a infraestrutura adequada para esta fase, de outro, muitos religiosos, ao serem transferidos para essas comunidades, acolhem-no como uma sentença de morte. E, de fato, muitos morrem emocionalmente e se debilitam consideravelmente. Mas aqui também encontramos religiosos que, abertos para vida, aí redescobrem o apostolado e a missão.

Sobre a missão do religioso na terceira idade, há que se analisar a pessoa em cada uma das dimensões do ser já descritas, além de se estar atento a sua concepção de missão institucional. Pois, de maneira geral, os religiosos idosos continuam ou mantêm as suas faculdades mentais e físicas por muito mais tempo do que a média da população geral.

14 Ibid.

A continuidade ou não no apostolado está sujeita às próprias condições do religioso em questão.

Assim sendo, alguns irão abraçar essa nova fase com serenidade, ressignificando seu apostolado e missão. Outros terão dificuldade de encontrar seu campo de missão nessa nova fase da vida. E há ainda aqueles irão ver nessa nova fase a possibilidade de fazer coisas agradáveis como: trabalhos manuais, música, pintura, leitura, escrita. Atividades que antes eram impossibilitadas em função de compromissos pessoais, trabalhos e obrigações institucionais. Por fim, temos os religiosos que abraçam a vida mais contemplativa e de oração, reconhecendo que sua missão e seu apostolado continuam na intercessão pelas pessoas, pela Congregação e pela Igreja.

A título de conclusão

Como vamos acolher essa nova fase da vida nem sempre é fácil ou acontece de forma tranquila, o que acaba por trazer sérias dificuldades não só para o próprio religioso idoso, mas também para aqueles que têm o “dever” de cuidar dos irmãos que já “gastaram” em muito a sua vida em favor da Instituição. Por isso, mesmo com aqueles religiosos mais difíceis há de se ter paciência e ternura, dando-lhes o devido valor enquanto sujeitos que são com seus pensamentos e sentimentos, colhendo mesmo aqui os frutos que esses nossos irmãos ainda podem dar.

Lembremos ainda que eles são a memória viva do carisma, como afirma S. João Paulo II e o Papa Francisco (*citações 5 e 6*). Sua maior contribuição nesta fase da vida há de ser o testemunho das experiências e lutas vividas ao longo de sua trajetória, para a implantação do Reino de Deus através do carisma de sua Congregação.

Por fim, é uma realidade cada vez mais crescente o número de religiosos idosos em nossas congregações; conhecer e apropriar-se daquilo que é próprio dessa fase da vida não é querer limitar-se, mas, ao contrário, criar condições para que as nossas relações sejam mais fraternas e humanas.

Pois, neste nosso mundo que vive a cultura do descartável, a busca de relações mais humanitárias pode ser um farol a indicar o caminho de unidade na diversidade. “Que todos sejam um.”¹⁵

Referências bibliográficas

- ASSIS, Maria Evonilde C. F. Autoestima na terceira idade: alegrias e tristezas. *Convergência*, n. 459, p. 157-165, mar. 2013.
- CALENDRO, Eduardo; LEDO, Jordélio Siles. *Psicopedagogia catequética conforme as idades*. São Paulo: Paulus, 2012. v. 4.
- D'ARTAGNAN, Eder. O processo de envelhecimento na Vida Religiosa Consagrada: um começo de conversa. *Convergência*, n. 454, p. 571-584, set. 2012.
- JOÃO PAULO II. *Carta aos anciãos*. 1º de outubro de 1999. Disponível em: <http://www.vatican.va>. Acesso em: 14/10/2014.
- MENDONÇA FILHO, João da Silva. *As idades da vida na Vida Religiosa: vivência humana e espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- NOVELLO, Fernanda Parolari. *Idade da sabedoria: como viver uma velhice sã e serena*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.
- SILVA, Maria Eliane Azevedo da. A representação psíquica e social das gerações na Vida Religiosa: uma reflexão provocadora no mundo contemporâneo. *Convergência*, n. 449, p. 165-182, mar. 2012.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. “A soma da nossa vida é de setenta anos, os mais fortes chegam aos oitenta; mas a maior parte deles é fadiga e dor; passam depressa e nós desaparecemos” (Sl 90[89],10). Quando leio este salmo, o que ele me provoca? Que sentimentos faz brotar em meu coração?
2. Qual ou quais das partes que compõem o nosso ser são as menos trabalhadas na VRC?
3. Reflita sobre as implicações dessas reflexões na sua vida e em seu relacionamento comunitário.

Contínua construção nas relações

ELIZABETH SILVA DOS SANTOS*

A humanização é um tema que chama muito a atenção e é foco de diversas abordagens. Queremos saber o que e como fazer para sermos mais humanos; algo é certo: não há receitas prontas. Pois a humanização é um processo dinâmico. Porém, podemos dar passos em direção a ela.

Ao falar em humanização, surgem vários questionamentos: Quem é o ser humano? Quem sou eu? Como estou nesse processo?

O ser humano pode ser analisado sob diversas perspectivas, de acordo com os interesses de quem o faz. Há várias ciências que se debruçam sobre o estudo da vida humana. Para esta abordagem teremos como referência as reflexões da Antropologia Cristã.

Ninguém consegue descrever com precisão quem é o ser humano, não existem conceitos acabados sobre quem ele é de fato, pois é um ser dinâmico em sua “construção pessoal”, a qual está em constante processo. Por isso esse tema nunca se esgota. Boff (2002, p. 57) salienta que: “O ser humano, homem e mulher, é um projeto infinito”. Cada pessoa é um ser único, sem “cópias”, ou seja, é irrepetível, é um mistério aberto ao crescimento e às novas descobertas sobre si.

A partir dessa afirmação percebemos que fazer uma abordagem sobre o ser humano é sempre algo desafiante e complexo, pois ele é um mistério inesgotável, é um processo contínuo de vir a ser, de humanizar-se. Assim declara García Rubio (1989, p. 252): “Com efeito, as dimensões, qualidades ou propriedades da pessoa não são ainda a pessoa”.

* Elizabeth Silva dos Santos, religiosa do Instituto das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia, é bacharel em teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (IFITEG). E-mail: baith1@hotmail.com.

As características físicas, habilidades e dons que fazem parte de um ser não conseguem atingir o que é a pessoa em sua profundidade, pois ela está numa permanente busca de si mesma, não é uma realidade pronta e acabada.

A pessoa vai construindo a si mesma a partir da convivência com as outras pessoas; é um processo contínuo e, por vezes, doloroso, que durará toda a vida.

O ser humano e suas dimensões

De forma bastante sucinta abordaremos as dimensões do ser humano. Este é constituído por duas dimensões, as quais Boff (1985, p. 42) denomina de existência na carne e existência no espírito. Uma não se sobrepõe à outra, mas complementam-se e formam uma só realidade: a pessoa humana.

B... Enquanto dimensão humana, carnal, a pessoa é matéria (corpo), vive imersa no mundo com tempo e espaço determinados. Sente e faz a experiência de trazer consigo a possibilidade de estar em contato com seus semelhantes e com tudo o que lhe rodeia; mas traz consigo também as marcas da fraqueza, da finitude e, por fim, experimenta a morte, realidade inevitável de tudo o que é criado.

Em relação à matéria, ao corpo, Moser (2002, p. 61) declara que a melhor expressão a ser utilizada é “somos corpo” e que não deveríamos dizer que “temos um corpo”. A primeira frase exprime algo por inteiro, completo, porque ser corpo é ter vida, identidade. É expressão do ser humano uno e indiviso em suas dimensões. Pois o corpo só existe como tal apenas quando tem vida (espírito). Enquanto a segunda frase traduz algo desfalcado, incompleto, dualista.

García Rubio (1989, p. 381) considera que “O corpo humano não é pura exterioridade, assim como o espírito humano não é pura interioridade [...]. Na unidade do seu ser único, o homem é corporeidade e espiritualidade, intimamente intercompenetradas”.

Portanto, o corpo é a manifestação objetiva do ser, é a realidade visível, palpável da pessoa. A dimensão corpórea não pode nem deve ser negada, pois ela é indispensável para que o ser humano exista concretamente. Somente por meio do corpo e de suas expressões é que se tornam possíveis as experiências interpessoais e a sua construção histórico-relacional.

Contudo, a dimensão corpórea (imaneente), por vezes, é mal interpretada. Embora nessa dimensão a pessoa seja concretamente um corpo “independente”, seja um ser que existe em si mesmo, não significa que a pessoa precise viver no isolamento ou no fechamento de si, porque ela só existe enquanto há relação.

B... Como o próprio enunciado sugere: é o espírito, é o sopro da vida que dá “animação” à matéria. A pessoa sente-se impulsionada a “sair de si mesma” em direção ao outro e a Deus; lança-se ao ilimitado, experimenta um grande desejo de infinito, de eternidade; é estimulada a abrir-se ao relacionamento, à doação do seu ser por inteiro. Porém, essa dimensão não deve ser supervalorizada em detrimento da dimensão corpórea, ou o inverso.

García Rubio (1989, p. 253) considera que o crescimento e a realização do ser humano só acontecem no dinamismo do inter-relacionamento das dimensões de imanência e de abertura. É saindo de si mesmo, indo ao encontro do outro, dando possibilidade de abertura “que se desenvolve a própria identidade pessoal, a autopertença, a autofinalidade bem como a liberdade e a autonomia”.

Dessa forma, a dimensão corpórea interpenetrada da dimensão espiritual – e vice-versa – possibilita à pessoa a capacidade de experimentar a realidade de ser o que é em relação com as demais e com o mundo.

Moser (2001, p. 59) faz a seguinte consideração: “É na materialidade do corpo que se cruzam prazeres e desprazeres. É também na materialidade do corpo que se concentram todos os poderes e saberes”. O corpo é a possibilidade para as mais diversas formas de relações. Porém, vale

recordar, mais uma vez, que o corpo não significa apenas exterioridade, mas traz em si a interioridade, a intimidade a sacralidade de um ser.

A partir da consciência da experiência unitária da pessoa, na qual se concebe a integração entre corporeidade e espiritualidade, nasce a possibilidade de superação da concepção do ser humano fragmentado (dualismo), dando espaço à complementaridade corpo-espírito; sem, contudo, esquecer as peculiaridades existentes entre cada uma dessas dimensões.

O humano: imagem e semelhança do Criador

De acordo com o relato da Criação, o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27); e criado não para viver no isolamento, mas para viver em relação, em comunhão (cf. Gn 2,18.21-23) com Deus, seu Criador, com seus semelhantes e com os demais seres que lhes foram confiados (cf. Gn 1,28-30).

Homem e mulher são criaturas como qualquer outra criada por Deus. Portanto, já percebemos que nessa condição a criatura humana não pode ser considerada como um ser absoluto; é um ser limitado. No entanto, esclarece García Rubio (1989, p. 132), existe uma distinção patente entre o ser humano e as outras criaturas, pois somente o humano é “portador da imagem e da semelhança divinas” e é capaz de estabelecer um relacionamento singular e consciente com seu Criador, diferente dos outros seres criados.

Tal relação, única e exclusiva, faz de cada ser, homem e mulher, uma pessoa humana e não apenas um indivíduo qualquer de sua espécie. Acredita-se que essa relação íntima e consciente com seu Criador é possível devido à dimensão espiritual que a constitui. Portanto, o humano é impulsionado a ser expressão e revelação do Ser Divino, do qual recebeu o sopro vital (cf. Gn 2,7).

Ao ser humano foram concedidos os dons da liberdade, da consciência e da autonomia que o tornam capaz de decidir e responder com responsabilidade aos apelos do seu Criador,

ou rejeitá-los rompendo o relacionamento com Deus, pensando ser autossuficiente. García Rubio (1989, p. 340) considera que, optando por renunciar à relação com Deus, à sua dignidade de criatura humana e de imagem do Criador, o ser humano se animaliza e, conseqüentemente, a “lei do mais forte” se torna primordial para ele.

O Criador capacita a criatura humana para que possa continuar a obra criada. Mas, com essa capacidade de colaboração e serviço, se apresenta a tentação de a criatura subjugar a criação de forma estúpida, arrogante, dominadora e depredadora. Contudo, essa tentação tem a possibilidade de ser superada à medida que a criatura humana assume ser imagem do Criador.

Dessa maneira, o domínio arbitrário sobre tudo o que está aos seus cuidados seria causa de destruição do mundo criado e, portanto, de si também. Ressalta Torres Queiruga (2005, p. 86): “Deus concede ao ser humano o dom da vida, da ação, lhe ‘dá’ o mundo e, o mais interessante, entrega o ser da pessoa a ela mesma, se autopertence, mas se realiza apenas na relação com Ele e com as outras pessoas”.

O ser humano é convidado a receber o mundo como um presente e assumi-lo responsavelmente; ele é capaz de reconhecer Deus como seu Criador, aceitar sua condição criatural e lutar contra a tentação da autodivinização. Tem a possibilidade de sair de si mesmo para estar em relação com as outras pessoas, continuando a obra da criação. Respondendo de forma livre e aberta às interpelações de Deus, colabora para sua humanização e das outras pessoas. Homem e mulher são convidados a viver o relacionamento de alteridade entre si e com os demais seres da criação entregues à sua responsabilidade.

Alteridade e humanização

Como já mencionamos, a pessoa humana é um ser em relação e se constrói a partir dela. Existem várias formas de relações que podem tanto contribuir para a humanização quanto para a desumanização da pessoa.

Nesse tópico queremos destacar a alteridade, entre diversas formas possíveis de se estabelecer uma relação, como base para o processo de humanização da pessoa. Segundo Moser (2001, p. 61): “A alteridade é constitutiva do humano”. O relacionamento do “eu” com o “tu” pressupõe um sair de si mesmo para estar com, participar com o outro da sua vida e deixar que o outro participe da minha vida.

Desse relacionamento dependem o crescimento e a realização do ser humano como tal. Castillo (2010, p. 237) ressalta que, além da realização e da felicidade proporcionadas pela relação eu-tu, também pode ocorrer o fechamento e o sofrimento. E ainda, Castillo (2010, p. 194) continua acentuando, que a alteridade é uma possível chave de leitura que caracteriza o humano, sua comunicação e encontro com os outros; enfim, é algo específico das relações denominadas humanas, as quais se tornam possíveis quando as relações são permeadas pelo respeito ao outro e às suas diferenças; é uma forma de ser para o outro com o outro.

Boff (1985, p. 40) acrescenta que diante do humano se encontram muitos apelos, alguns estão numa categoria individualista e outros numa categoria de abertura ao “tu”. A primeira traz como consequência a autoafirmação do “eu”, o endeusamento, esquecimento de sua condição frágil e limitada de criatura que necessita continuamente do outro para realizar seu processo como ser humano. Enquanto a segunda, constitui a capacidade de autoentrega, de comunhão e, conseqüentemente, de abertura ao caminho para a humanização.

A alteridade conduz ao encontro, a um relacionamento frutuoso. Na perspectiva de García Rubio (1989, p. 369), o “eu humano” só pode ser, de fato, no encontro com o “tu humano”. Existe uma necessidade intrínseca em “sair de si para e ir ao encontro de”, pois o humano não consegue construir-se e realizar-se sem o encontro, sem uma relação autêntica e sadia com o outro.

No entanto, a pessoa dotada de consciência e liberdade tem condições para escolher valores ou contravalores que nortearão o seu existir e suas relações, seguindo para a

humanização ou desumanização. Optar pelo fechamento e pelo isolamento é rejeitar a proposta inicial do Criador de viver em relação com as outras pessoas e com o próprio Deus, entrando num processo de desumanização.

Por meio dessas considerações queremos destacar que, em sua raiz, a pessoa humana foi criada para viver em relação. Não qualquer relação, mas uma relação digna entre iguais e que tenha sempre em vista o crescimento humano e sua valorização; o afastamento do convívio com as demais, ou a adesão a outras propostas que venham a corrompê-la, ou qualquer forma de manipulação, são causas de desumanização. O encontro interpessoal é de fundamental importância para o processo de humanização de cada ser humano.

Percebemos aqui que cada pessoa humana, por ser criada à imagem e semelhança de Deus livre e consciente, tem grande valor e é digna de respeito. É chamada a ser cocriadora, a viver e a crescer humanamente em relação com Deus e com o próximo.

Ser imagem e semelhança de Deus e participar como cocriador não significa dizer, porém, que ele é um ser ideal e perfeito, pois, como ressalta Castillo (2010, p. 194), há um grande perigo em idealizar o humano porque isso levaria a uma falsa compreensão de si mesmo. Ser humano é ser limitado, é ser criatura, é contínuo processo de tornar-se humano em suas relações. O ser humano, em sua dimensão limitada, está marcado e influenciado pelo “desumano”, o qual precisa ser superado pela humanização. E nosso maior desafio, durante toda a vida, é buscar tal superação; tarefa bastante árdua, visto que o desumano, assim como o humano, são realidades que a pessoa traz impressas em seu íntimo.

O desejo de poder dominar, de submeter os demais e o mundo criado, de fechar-se em si, são algumas manifestações decorrentes do aspecto desumano. Daí surge a necessidade da humanização que não se alcança no isolamento, mas em comunhão com Deus e na convivência com os demais seres humanos.

Trata-se, então, da humanização que o ser humano, por si só e por si mesmo, não pode alcançar. De maneira que se trata de uma profundidade de humanidade que não se pode conseguir sem um Referente Último, sem Deus. É a humanização que coadjuva nossa condição humana. Porque humano é amar e sofrer. Mas também é humano amar e fazer sofrer. A humanização que transcende o humano é o ganho de um amor e de uma solidariedade com o sofrimento que superam e desterram todo ódio, toda agressão e toda manifestação da inumanidade que escurece este mundo (CASTILLO, 2006, p. 267).

Contudo, o “ser pessoa” e a confiança dada a ela pelo seu Criador são manifestações de poder: o poder de ser em si, o poder de autopossuir-se, o poder de ser livre, de escolher, de ser cocriadora. Dessa maneira, qualquer relação que seja causa de violação à sua vida – como escravidão, agressão, repressão, entre outros –, em nível pessoal ou coletivo, é fator de desumanização. O ser humano não é objeto nem um instrumento que pode ser manuseado e depois descartado; manipular a sua liberdade é um grave risco à sua dignidade humana.

Jesus: o ser humano

Percebemos, em Jesus de Nazaré, a autenticidade do ser humano por meio do seu agir, de suas atitudes e de suas palavras (cf. Mt 9,9-13.35-36; 12,1-14). O seu relacionamento com as pessoas era de alteridade e doação de si até as últimas consequências, porém não com o objetivo de uma autopromoção, mas simplesmente tendo em vista a valorização da pessoa humana e o resgate de sua dignidade.

Historicamente Jesus de Nazaré viveu como qualquer outro ser humano. Assumiu totalmente a condição humana e tudo o que lhe é inerente: abertura, transcendência, dinamismo e, também, fraqueza, limitação, finitude, vulnerabilidade, dor, morte (cf. Lc 2,52; Mc 14,32-42; 15,33-39).

De acordo com Castillo (2010, p. 194), na pessoa concreta de Jesus de Nazaré se expressam com genuinidade o

humano e o divino. Ele comunica os segredos da intimidade de Deus e abre novos horizontes à história da humanidade.

A vida humana é tão significativa que, não obstante sua fragilidade, Deus a as ma

apenas de uma parte dela. Jesus, em suas atitudes, sempre demonstrou especial atenção e interesse pela vida humana e uma preocupação em despertar nas pessoas o desejo de melhorar seus relacionamentos, para que se pautassem na alteridade e no respeito à liberdade de cada uma.

Os desejos de Jesus, destaca Castillo (2010, p. 240), se assemelham aos desejos do povo, principalmente do povo marginalizado ferido em sua dignidade e sedento de mudança dessa situação lamentável causada por relações degradantes marcadas pela injustiça (cf. Mt 5,1-10).

Jesus, em seu relacionamento interpessoal, abriu possibilidades para a realização das pessoas que o rodeavam, partindo de seus problemas concretos (cf. Mc 6,30-44; 10,46-52; Lc 9,10-17). Como menciona Castillo (2010, p.240), as multidões seguiam Jesus porque sua forma de se relacionar com elas abria um novo horizonte em suas relações, em suas vidas. Tornava-se possível a aproximação e a convivência com o diferente e, portanto, tornava possível também a humanização de pessoas consideradas indignas (cf. Mc 7,24-30; Lc 10,29-37).

A expressão do ser divino estampada no rosto e na vida de tantas pessoas que se encontravam em situação de desumanização por diversos motivos, e, em particular, pelo mau exercício do poder sociopolítico-religioso de seu tempo, inquietava Jesus, o qual passou a apontar para alternativas que reconduzisse a pessoa à sua relação com Deus, com seu próximo e, conseqüentemente, ao resgate da sua dignidade humana.

Ante as autoridades política e religiosa, Jesus viveu com extrema autenticidade, autonomia e liberdade. Sendo um judeu, respeitava a Lei e frequentava o Templo, mas colocava-os em segundo plano quando estes não estavam a favor da vida e tornavam-se instrumentos de manipulação da pessoa.

Pois, qualquer forma de violação à sua dignidade, mesmo que partisse da Lei Judaica, era meio de desumanização. Nessas circunstâncias, Jesus tinha sempre em primeiro

plano a vida humana, a pessoa. Inúmeras vezes, fala do amor e do perdão que são oferecidos como dom do Pai a cada um de seus filhos e filhas; e ajuda-os a se autolibertarem dos preconceitos socioreligiosos que pesavam em seus ombros, que sufocavam e degradavam suas vidas.

Jesus é o modelo concreto da humanização. Ele nos apresenta a proposta do relacionamento gratuito que tem como alicerce o amor de Deus. Amor este que conduz à realização pessoal e comunitária e lança a pessoa em direção à sua própria humanização, processo longo que não poderá fazer isoladamente. Pois, fora da relação livre, aberta, gratuita, responsável, com Deus e com seus semelhantes, o ser humano perde sua identidade ontológica, torna-se desumano.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BOFF, Leonardo. *Vida segundo o Espírito*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. 3. ed. Campinas: Verus, 2002.
- CASTILLO, José Maria. *Deus e nossa felicidade*. Tradução: Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2006.
- _____. *La humanización de Dios: ensayo de cristología*. 2. ed. Madrid: Editorial Tretta S.A., 2010.
- COMBLIN, José. A humanidade diante de Deus. In: *Antropologia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985. cap. 7, p. 245-267.
- GARCÍA RUBIO, Alfonso. *Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- MOSER, Antônio. *O enigma da esfinge: a sexualidade*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai: o Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. Tradução: I. F. L. Ferreira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como percebo o processo de humanização em minha história, em minha vida?
2. Que contribuição estou dando para que a humanização seja uma realidade em constante exercício em minha comunidade?
3. Quais os desafios, obstáculos que me(nos) impede(m) de dar passos rumo à humanização?

Mistério da cruz

Solidariedade, quenose e amor

JOSÉ ROCHA CAVALCANTI FILHO*

“Então Jesus disse aos discípulos: ‘Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar sua vida a perderá, e quem perder sua vida por causa de mim a encontrará’” (Mt 16,24-25).

A “cruz” é entendida e cantada popularmente das mais diferentes formas e tons, tal como acontece com a palavra amor. “O que é a cruz? Diga lá, meu irmão” – poderíamos parafrasear Gonzaguinha. Como simples mortais, poderíamos dizer: é dor, é sofrimento. Na palavra e na vida dos santos ela é “poder e sabedoria de Deus” (1Cor 1,18.24). Para todos que buscam o perdão de Deus, ela é esperança, fonte de misericórdia. Para São Paulo da Cruz, fundador dos Passionistas, é o lugar da maior manifestação do amor de Deus.

De lugar de tortura e desumana morte, a cruz pôde assumir o significado que possui para nós cristãos devido ao amor imenso com que Cristo a abraçou. O Sangue Divino que a abençoa é que a fez bendita e santa: a santa cruz!

Neste artigo, entre os vários possíveis enfoques sobre a cruz, desejamos refletir a sua dinamização como solidariedade, quenose e amor.

Para compreendê-la a partir dessas três grandes chaves, levantamos algumas questões: É a cruz sinônimo do sofrimento? Mas seria ela apenas sofrimento, paixão e morte? Por que Jesus abraça a cruz? Por que ela se torna um dos símbolos que mais representam o Cristianismo no mundo?

* José Rocha Cavalcanti Filho, cp, é membro da Congregação Passionista, mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Araraquara – Uniarara e doutorando em Ciências da Religião pela PUC – SP.

Eu lhe peço, quanto sei e posso, que você se aprofunde naquela ciência divina que o soberano Mestre Jesus Cristo lhe ensina na escola da sua santíssima paixão, enquanto medita com fé e amor. Nesta divina escola você deverá aprender a ser humilde de coração, amante do próprio desprezo, amante do sofrer em silêncio e esperança e a ser doce e manso, flexível e obediente. Procure, portanto, honrar o divino Mestre aprofundando seus ensinamentos e praticando-os nos acontecimentos. Você será um bom estudante se estiver vestido das virtudes de Jesus Cristo... (São Paulo da Cruz).¹

São Paulo da Cruz nos diz que a cruz é o livro onde se descobre a verdadeira sabedoria dos santos. Este livro deveria ser lido por dentro e por fora: ver a dor e contemplar o amor. É consolador que a cruz possa ser este grande livro sagrado e, quando assumida na perspectiva libertadora e salvadora de Jesus Cristo, ela nos conduz à plenitude de Deus. A cruz é a expressão maior de um Deus de acolhimento; ele não só se encarnou na condição humana em uma mulher, mas também em uma cultura, sociedade, religião, economia, política e outros aspectos. Ao assumir a cruz, Jesus acolhe cada ser humano de forma plena e, dessa forma, ele plenifica sua missão. Na cruz, ele solda a vida de forma tal que jamais se separará de criatura alguma.

Essa é a expressão máxima da solidariedade.

Não é por acaso que ele sabe onde fica e como é o Calvário: pedregoso, superficial e pleno de espinhos; afinal, foi com vegetal espinhoso que o coroaram (cf. Jo 19,2)...

Na sua paixão, Cristo se calava: o Verbo do Pai se calava (cf. Mt 26,63)! Mas também foi silenciado (cf. Jo 18,22). E quem poderia protegê-lo, calou-se (Pedro, Pilatos... cf. Jo 18,25-27; Mt 26,24-26). Por isso, na solidariedade da cruz resta o silêncio; na dor, um silenciado. Mas aquele que escuta a fala do silenciado, a Ele se unifica. O silêncio condena injustamente: o silenciado e o injustiçado, o silenciado e o

1 Carta de São Paulo da Cruz a Tommaso Fossi, em 10 de junho de 1755.

envergonhado de forma a vilipendiar o silenciado e o expropriar de seu dom maior – a vida. A vida e a cruz de Jesus são, radicalmente, a cruz de toda a pessoa silenciada em Jesus Crucificado que encontra não apenas um Deus crucificado – mas todos os filhos e filhas, de ontem e de hoje, crucificados e crucificadas; silenciados e silenciadas.

Mas quando Cristo, por nosso amor, se calou e por nossa maldade foi silenciado, então o Verbo do Pai nos falou e tocou de modo mais eloquente possível (cf. Jo 12,32). Por isso, vem da cruz do Crucificado o *anúncio* da solidariedade, para que na solidariedade, em todo o sofrimento da criatura, desde Adão até ele mesmo (o Cristo), se estabeleça a essencialidade da palavra na cruz, a essencialidade do olhar a partir da cruz, para o outro. Jesus percebe o Pai, sua criação, sua palavra, de forma mais plena, percebe o ser humano no lenho da cruz – este é o olhar de Deus para você: o olhar crucificado, o falar a partir do calvário, a presença em uma semana, a qual está chegando ao fim. “É o sexto dia, e Deus viu que tudo era muito bom” (cf. Gn 1,31). Não é por menos que ele diz: “Eles não sabem o que fazem” (Lc 23,34). “A caridade tudo desculpa, tudo crê, tudo espera!” (1Cor 13,7).

A cruz não é apenas a solidariedade e o experimentar de Deus: É o experimentar de Deus no humano, o máximo a que o Mistério e processo da Encarnação puderam chegar. Ela é a força da ternura, a razão fundante e fundamental do seguimento, expressão de graça, graça vista como loucura e escárnio. A solidariedade da cruz sempre irá escandalizar, desconcentrar, descentralizar, abrir as portas fechadas do egoísmo humano, acordar do sono alienante de uma Vida Religiosa Consagrada empobrecida em fuga do sentido real da sua existência. Tanto que é “da cruz, da contemplação do Crucificado que recebem inspiração todas as vocações; é dela, com o dom fundamental do Espírito, que tem origem o dom da Vida Religiosa Consagrada” (cf. VC, 23). Por isso também, a solidariedade na cruz, no sofrimento dos irmãos, é o máximo a que o processo de “assimilação do

outro”, compaixão, pode nos levar: “chorar (sofrer) com os que choram” (Rm 12,15).

Portanto, a leitura da cruz, a partir da solidariedade, é chave que abre os sentidos humanos encarcerados em uma *apatia* do *Tânatos* (morte) para a *paixão* do *Eros* (dar vida). A apatia é em si indiferença, sinônimo de morte, pois não reage e não se deixa tocar diante de um mundo que grita por socorro, carente e ansioso de verdadeira fraternidade. Mata ao deixar morrer, como o sacerdote e o levita (cf. Lc 10,31-32). A solidariedade, ao contrário, é Eros (dinamismo vital) na compaixão para com corpos que gritam atingidos pelo sofrimento, pela injustiça, pelas drogas, pela presença do mal no mundo. O samaritano toca o corpo do homem caído na estrada de Jericó com o Eros que é a solidariedade.

Na cruz está a sociologia da humanidade de Jesus e toda a antropologia da santidade de qualquer pessoa, porque, pelo ângulo da cruz, Cristo não apenas se humaniza, se faz *anthropos*, mas assume viver e sofrer as consequências de uma sociedade extremamente brutalizada pela excludente violência econômica, política e religiosa. A sua própria vida é uma leitura para romper com essa sociedade perversa que produz iniquidade e morte. Assumindo a cruz, ele assume essa realidade quenótica e, nesse esvaziamento, apresenta toda grandeza e riqueza de Deus. Ele vem para salvar. Imerso em uma sociedade que condena e produz o pecado, ele tira o pecado. Traz a verdade perante uma sociedade que mente. Diante de tantos preconceitos, ele não vem para julgar. Sua antropologia é sempre a de salvar e recuperar a condição humana perdida. Na obra da cruz, Deus faz o seu maior investimento para elevar a condição humana. O Filho se faz servo, se faz verme, se faz não homem para restituir ao ser humano a sua dignidade de *anthropos* criado à semelhança divina.²

Na cruz aprendemos a lição de uma *ecologia plena de Deus*, em que ele se revela como Princípio Criador, Organizador do cosmo, mas, também, como Cuidador e Pai Providente da criatura humana. Ecologia construída por uma teia de relações que em si já é oração, diálogo e encontro com o

2 A cruz ajuda a derrubar o pecado original de Adão, que, “criado à imagem e semelhança de Deus, pretendeu ser como Deus com as próprias forças, colocar-se no lugar de Deus, e assim perdeu a dignidade original que lhe tinha sido dada”. Jesus fez justamente o contrário: encontra-se na “condição de Deus” mas se abaixa à condição humana “para redimir Adão que está em nós e restaurar a dignidade que o homem havia perdido” (Papa Bento XVI, Catequeses).

humano e o divino. A cruz é o grande escândalo que denuncia o caos em que vive a criação. Ela é, também, princípio da nova criação: ao trabalhar a morte e tudo o que ela significa, em sua morte ele recria uma nova harmonia holística cósmica.

Em um congresso realizado na cidade de São Paulo no ano de 1994, quando da comemoração dos 300 anos do nascimento de São Paulo da Cruz, entre os vários conferencistas estava Dom Luciano Mendes de Almeida, sj. O tema desse congresso era *Staurós* (cruz) e a fala de Dom Luciano foi sobre o Calvário. Ele afirmou que a paixão de Jesus foi um ato de pura solidariedade; foi por isso que Jesus morreu entre dois ladrões crucificados; a sua crucificação não foi velada (entre velas) – foi entre dois ladrões. Se um dia fosse construir uma igreja, ele a construiria com três cruzes:

Há algo aqui que poderia marcar melhor a nossa espiritualidade. Vejamos não somente a cruz de Cristo. Também há os ladrões ao lado do Cristo. Eles é que dão sentido à cruz. A cruz não é um sofrimento isolado: é uma solidariedade vivida. Ele está morrendo entre dois homens que morrem na cruz. E essa é a grande luz: é o sofrimento da solidariedade. O Cristo passa pelo sofrimento ao lado de pessoas que sofrem até morrer. Era esse o modo habitual de matarem um condenado. Jesus passa por aí. Ele escolheu livremente morrer ao lado dos seus irmãos que morrem assim.

“Então, meus irmãos e irmãs, queria lhes dizer que, neste momento, eu recorro dos sofrimentos que enfrentei, dos sofrimentos pelos quais passei há quatro anos. Não andava mais, não dormia mais, não falava mais. Era um silêncio total. Mas isso me permitiu compreender que aquele momento de acidente físico era a ocasião de melhor entender a paixão de Cristo: a solidariedade. Isso também acontece com a experiência no hospital: estar ao lado de pessoas acidentadas, isoladas, incomunicáveis. Ao sair daqui, espero visitar um padre de avançada idade, que sofreu um acidente. Talvez ele esteja todo entubado, imóvel na cama, sem ninguém ao lado. Aquela vida é uma vida que nos é cara, querida. Então, passar por isso é assumir, na solidariedade, a vida do irmão.³

3 Dom Luciano Mendes de Almeida. *Paixão pela vida: resposta ao sofrimento humano*. Assessoria de Animação Apostólica, p. 7-8 – CLAP BRASIL.

A solidariedade revelada na cruz é uma experiência e um experimentar Deus. Na cruz encontramos uma pedagogia, uma ciência – a ciência da cruz; ela produz não apenas conhecimento, mas uma empiria da transcendência; nela, através da solidariedade vive-se uma epifania e uma diafanía. A cruz é lugar do encontro com o outro e com Deus: com Deus crucificado; também com o outro crucificado, por alguém solidário a Deus e aos outros, também este crucificado em sua compaixão. A cruz e os crucificados revelam fases de uma cultura na qual encontramos pontos comuns e básicos, fundam uma comunidade na igualdade de todos a partir da natureza do lenho. A cruz sempre será fundadora da causa do Reino, ela é o signo do Reino tanto horizontal como verticalmente; nisso há uma estética do ser discípulos e missionários, trabalhadores do Reino, na tarefa do Reino de Deus.

A quenose da cruz como consequência da solidariedade para com os crucificados

Simone Weil afirma que para derrotar a infelicidade o homem deve realizar o caminho oposto ao da criação: deve pôr em ato uma “descriação”, deve anular seu ser algo, destruir seu próprio eu. A anulação do seu eu se dá no sofrimento, na humilhação, no esmagamento repentino... Um eu que se anula é um com-crucificado. Todavia, sobre a cruz, nessa aparente ausência de Deus, Deus está secretamente presente. “A cruz é nossa pátria”,⁴ ela afirma.

A cruz como solidariedade provoca uma dimensão ética, uma indignação para com um mundo no qual se constrói e impõe mais e mais a cruz; uma indústria de produção permanente de egoísmo, desafeto e maldade. Somos chamados a abraçar a cruz de Cristo e não construir e impor a cruz aos outros. A Vida Religiosa Consagrada não deve só se fundamentar nas comunidades religiosas, nas constituições, nos votos, nos hábitos, obras ou paróquias; ela deve ser escola de solidariedade para com todos aqueles que estão em condição de últimos. Precisamos caminhar muito mais neste objetivo.

⁴ *Pensées sans ordre concernant l'amour de Dieu*, p. 89.

A Vida Religiosa Consagrada deve ser de homens e mulheres solidários ao Crucificado e aos/as crucificados/as. Sobre isto falam o testemunho dos santos que, na esteira de Jesus, ultrapassando e relativizando as normas e as estruturas, também proclamaram com a vida que “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado” (Mc 2,27). Importa que o outro tenha vida e vida em abundância (Jo 10,10).

O que deve construir a Vida Religiosa Consagrada no divino é a contínua experiência da dívida de solidariedade que temos para com os pecadores, homens e mulheres crucificados. A solidariedade na cruz revela uma opção em prol dos pobres, vítimas de preconceitos: mulheres, homens, negros, migrantes, pecadores, pessoas de outras religiões ou não crentes, oprimidos, idosos e portadores de deficiências, e uma opção pelos desapropriados de vida e dignidade. Diante dos desapropriados estão os que tudo têm em abundância e ignoram o clamor de quem sofre.

A dinâmica da cruz sempre expressa a morte. Inicialmente utilizada para calar, silenciar, matar, na solidariedade para com os crucificados da história, ela é também a expressão “do morrer”, de dar a vida por amor – “não há amor maior do que aquele que dá a vida” (cf. Jo 15,13) –, do morrer da semente, do grão de trigo que morre para gerar a vida abundante (cf. Jo 12,24). Assim fala Leonardo Boff:

Não somos perseguidos, nem somos ameaçados de morte; mas damos guarida aos perseguidos e ameaçados de morte com o risco de termos o mesmo destino deles. Esse gesto é humanitário, expressão de solidariedade e de amor fundamental. Há milhares de cristãos e um sem-número de pessoas de bem que assumem cruces, toda sorte de sacrifícios e limitações da vida por se identificarem com pessoas penalizadas. São os que enfrentam os perigos da selva amazônica, os que se embrenham em leprosários, os que mergulham na miséria de uma favela, os que vão morar no meio da prostituição e os que se entregam na integração e educação de meninos e meninas de rua e tantos outros. Em razão de tais opções passam fome, adoecem,

encurtam a vida e morrem antes de morrer. O sofrimento não é bom para ninguém, a cruz permanece crucificante. Mas há grandeza humana e divina nesse gesto de solidariedade. A opção preferencial pelos pobres contra a pobreza se inscreve neste arco: alguém que não é pobre faz-se pobre para identificar-se com os pobres e, junto com eles, superar a pobreza na direção da justiça e da fraternidade.⁵

O amor que a solidariedade do crucificado, e para com os crucificados, revela

A paixão de Cristo é epifania da presença de Deus Crucificado e do estreitamento deste Deus que, cada vez e sempre mais e mais, se une a cada pessoa humana: um Deus não só apenas próximo, mas irmão, solidário e cheio de compaixão; um Deus que calçou as nossas sandálias, colocou-se em nosso lugar, temporário, efêmero, provisório; e que, embora não pecador, assume o pior de nossos pecados. A paixão de Cristo nos mostra o sofrimento, a violência, não como algo do qual devemos fugir ou nos distanciar. É emblemática a atitude do Cirineu no filme “Paixão de Cristo” de Mel Gibson: de alguém curioso e que quer fugir do sofrimento, ao contemplar o amor e a dignidade com que Cristo padecia, fica de tal modo fascinado que, para deixar o Calvário, é, de certa forma, expulso. A paixão e a cruz são um convite para nos aproximar e adentrar nesse mistério e compreender a causa dessa morte para também chegar à ressurreição. Temos neste mistério querigmático o maior e mais profundo da vida de Cristo; mas isto é algo em extinção que, por necessidade de atualização e perpetuação, nos pede compromisso e nos envolve: “A caridade de Cristo nos constrange” (cf. 2Cor 5,14; 1Jo 4,10-11). Neste novo mundo há verdadeira solidariedade na aceitação, solidariedade na luta pela justiça, solidariedade na construção da paz.

Porém, é preciso que a exercitemos mais e mais. A cruz é, em si, uma palavra que expressa a superação da indiferença, do egoísmo, da ganância, da maldade e do pecado. A cruz

⁵ Bo, L. *A cruz nosa de cada dia*: fonte de vida e de ressurreição. Campinas: Verus, 2003. p. 47-48.

nos remete à vida das relações, do amor e de Deus: paixão e cruz de Jesus não é um ato intimista, individual ou privado. A paixão de Cristo é algo público; a genuína espiritualidade da paixão é pura compaixão, sofre com o outro, pelo outro, entende o outro de forma mais impactante do que a si mesmo; o crucificado primeiramente necessita ser cuidado, amado, libertado, socorrido e acolhido. “Todos carregam alguma cruz ou nas costas ou no coração. E toda cruz, por menor que seja, é dolorosa. Ela pode ser vivida como tribulação ou como libertação, dependendo de como a encaramos e a assumimos” (Leonardo Boff).

Quando refletimos a cruz como expressão de solidariedade, sua marca é sinal repetido por milhões de homens e mulheres e gera uma nova sociedade que entende esse sinal, porque a cruz não é símbolo da morte, mas na morte e por meio dela mergulhamos no Crucificado e recebemos o nome de cristãos. O próprio Batismo é, em si, uma memória e adesão ao Reino de Deus: é um mergulhar na morte e ressurreição de Jesus. No seguimento de Cristo, a cruz, de instrumento de tortura, pelos testemunhos dos irmãos que nos antecederam, desvela a vitória sobre o pecado, a morte; o Crucificado desvela-se na cruz e nos faz vocacionados e com-formados, semelhantes em e com Cristo.

A pessoa consagrada, nas várias formas de vida suscitadas pelo Espírito ao longo da história, experimenta a verdade de Deus-Amor de modo tanto mais imediato e profundo quanto mais se aproxima da cruz de Cristo. Na verdade, Aquele que, na sua morte, aparece aos olhos humanos desfigurado e sem beleza, a ponto de obrigar os espectadores a desviar o rosto (cf. Is 53,2-3), manifesta plenamente a beleza e a força do amor de Deus, precisamente na cruz...

A Vida Consagrada reflete este esplendor do amor, porque confessa, com a sua fidelidade ao mistério da cruz, que crê e vive do amor do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Deste modo, ela contribui para manter viva na Igreja a consciência de que a cruz é a superabundância do amor de Deus que transborda sobre este mundo, ela é o grande sinal da presença salvífica de

Cristo. E isto especialmente nas dificuldades e nas provações. É o que testemunha continuamente, e com uma coragem digna de profunda admiração, um grande número de pessoas consagradas que vivem em situações difíceis, por vezes mesmo de perseguição e martírio.⁶

Cristo em sua cruz nos dá o caminho pedagógico para participarmos da sua glória; e ensina-nos e conduz de forma definitiva a chegarmos ao seu Reino para contemplar a face do Pai. Nesse caminho somos conduzidos pelo Espírito Santo.

Na solidariedade é impossível ir ao encontro do outro sem encontrar a sua cruz. Toda relação na qual não encontramos a cruz do outro é relação sem profundidade; é apenas superficial. A cruz não é apenas algo que nos marca, ela se impregna no mais profundo da pessoa; ela jamais será apenas externa – está dentro de nós, tal como está no Cristo e em seu mistério pascal. Quando, empiricamente, mergulhamos na paixão e cruz de Cristo, na fé chegamos ao coração dos outros e encontramos não apenas a cruz, mas o amor; não apenas tristeza, mas alegria; não somente incompreensão, mas tudo aquilo que irradia Deus em nós: ela nos dá autenticidade.

Uma das indicações do Evangelho nos fala: “assim é necessário que o Filho do Homem seja exaltado (na cruz) para que aquele que nele crer tenha a vida eterna” (Jo 3,14-15).

Conclusão

Quando pensamos a paixão e a cruz na dinâmica da solidariedade, se torna impossível esquecermos que esse mistério continua presente no mundo até o seu final. Cristo também está sempre presente, nunca nos deixará. Pois enquanto houver crucificados, isto é, alguém sofrendo na cruz, poderemos perguntar: onde ele está? Pergunta cínica talvez, pois ele está em todos os lugares. Mas estes homens e mulheres sobre a cruz devem ser também os que por solidariedade e amor a Jesus e aos crucificados se deixaram crucificar em

6 *Vita Consecrata*, 24.

sua solidariedade, em sua compaixão: “Eu me alegro nos sofrimentos suportados por vós. O que falta às tribulações de Cristo, completo na minha carne, por seu corpo que é a Igreja” (Cl 1,24). “Eu vivo, mas não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

As primeiras comunidades cristãs entenderam isso muito bem; aqueles que nos antecederam no seguimento de Cristo tiveram a mesma sorte do Mestre. Os modos de sua “mártir” foram diferentes. Contudo, eles anunciavam um Cristo Crucificado-Ressuscitado: não um Deus intocável, mas um Deus que se fez homem e humanizou-se, esvaziou-se, humilhou-se a si mesmo – obediente até a morte, e morte de cruz.

O apóstolo Paulo qualifica como “indigna” duma comunidade cristã a participação na Ceia do Senhor que se verifique num contexto de discórdia e de indiferença pelos pobres (cf. 1Cor 11,17-22.27-34). Anunciar a morte do Senhor “até que ele venha” (1Cor 11,26) inclui, para os que participam na Eucaristia, o compromisso de transformarem a vida, de tal forma que esta se torne, de certo modo, toda *eucarística*.⁷

Quando celebramos a Eucaristia somos chamados a viver uma grande experiência do mistério de fé; o memorial a nos introduzir numa grande comunhão com Cristo, integral: o Cristo na sua condição de crucificado, morto e ressuscitado, que vive em Deus “Abbá”. É preciso não esquecer a sua condição crucificada: ela está presente nos dolorosos corpos que, neste momento, vivem entre nós. Acolhamo-los na solidariedade e esvaziemo-nos dos excessos de nós mesmos – para preenchermos de amor e acolhimento o Deus crucificado e ressuscitado.

Renunciando a uma vida cômoda – quantos danos causa a vida cômoda, o bem-estar! O aburguesamento do coração paralisa-nos – e renunciando a uma vida cômoda para seguir o chamado de Jesus, Madre “Lupita”⁸ ensinava a amar a pobreza, para poder amar em maior medida os pobres e os enfermos.

7 *Ecclesia de Eucharistia*, 20: “Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem o honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora o abandonas ao frio e à nudez. Aquele que disse: “Isto é o meu Corpo”. [...] também afirmou: “Vistes-me com fome e não me destes de comer”, e ainda: “Na medida em que o recusastes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o recusastes. [...] De que serviria, a mim, adornar a mesa de Cristo com vasos de ouro, se ele morre de fome na pessoa dos pobres? Primeiro dá de comer a quem tem fome, e depois ornamenta a sua mesa com o que sobra”. São João Crisóstomo, *Homílias sobre o Evangelho de Mateus*, 50,3-4.

8 Madre Lupita, religiosa mexicana, nasceu em 1878 e morreu em 1963. Ela foi a fundadora da Congregação das Servas de Santa Margarida Maria, dedicada a cuidar dos enfermos e necessitados.

Ajoelhava-se no chão do hospital diante dos doentes, dos abandonados, para os servir com ternura e compaixão. E isto se chama “tocar a carne de Cristo”. Os pobres, os abandonados, os enfermos e os marginalizados são a carne de Cristo. E Madre “Lupita” tocava a carne de Cristo, ensinando-nos este modo de agir: não nos devemos envergonhar, não devemos ter medo, não devemos sentir repugnância de “tocar a carne de Cristo”. Madre “Lupita” tinha entendido o que significa este “tocar a carne de Cristo”. [...] Esta nova santa mexicana convida-nos a amar como Jesus nos amou; e isto exige que não nos fechemos em nós mesmos, em nossos problemas, em nossas ideias, em nossos interesses, neste pequeno mundo que nos causa tantos danos, mas que saíamos para ir ao encontro de quantos precisam de atenção, de compreensão e de ajuda, para lhes levar a proximidade calorosa do amor de Deus através de gestos concretos de delicadeza, de carinho sincero e de amor.⁹

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Por que Jesus abraça a cruz? Por que ela se torna um dos símbolos que mais representam o Cristianismo no mundo?
2. Entenda a solidariedade, a quenose e o amor relacionados à cruz.
3. Pense nos problemas sociais e ambientais como cruces que a humanidade e a natureza carregam nesta cultura sem Deus.

9 Papa Francisco, Homilia, 12 de maio de 2013.